

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ANDRÉ BARRETO SANDES

CONTRIBUIÇÃO DA PESQUISA GEOGRÁFICA PARA A GESTÃO
EDUCACIONAL:

ESTUDO ETNOGRÁFICO NO COLÉGIO ESTADUAL
RUY JOSÉ DE ALMEIDA – LAJE/BA

São Leopoldo

2010

ANDRÉ BARRETO SANDES

CONTRIBUIÇÃO DA PESQUISA GEOGRÁFICA PARA A GESTÃO
EDUCACIONAL:

ESTUDO ETNOGRÁFICO NO COLÉGIO ESTADUAL
RUY JOSÉ DE ALMEIDA – LAJE/BA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
Juventude

Orientadora: Laude Erandi Brandenburg

Segundo Avaliador: Remí Klein

São Leopoldo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S216c Sandes, André Barreto

Contribuição da pesquisa geográfica para a gestão educacional: estudo etnográfico no Colégio Estadual Ruy José de Almeida – LAJE/BA / André Barreto Sandes ; orientadora Laude Erandi Brandenburg ; co-orientador Remí Klein . – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.

97 f. ; il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Pesquisa geográfica. 2. Escolas – Organização e administração. I. Brandenburg, Laude Erandi. II. Klein, Remí. III. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ANDRÉ BARRETO SANDES

CONTRIBUIÇÃO DA PESQUISA GEOGRÁFICA PARA A GESTÃO
EDUCACIONAL:

ESTUDO ETNOGRÁFICO NO COLÉGIO ESTADUAL
RUY JOSÉ DE ALMEIDA – LAJE/BA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
Juventude

Laude Erandi Brandenburg - Doutora em Teologia - Escola Superior de
Teologia

Remí Klein - Doutor em Teologia - Escola Superior de Teologia

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas colaboraram para que esse trabalho fosse realizado. Entretanto, quero expressar de forma especial sinceros agradecimentos a Deus pela vida e pela oportunidade de oferecer uma humilde contribuição, como educador/pesquisador, para a busca de alternativas que melhorem a qualidade da educação oferecida em nosso país, especialmente nas escolas públicas do Nordeste, que demonstram claramente o descaso com que esse setor é tratado pelo Poder Público.

Agradeço a Dinda e a meus pais, Álvaro e Dora, pela dedicação, estímulo nos estudos, exemplos e ensinamentos de valores como respeito, amor e humildade, dentre outros que não se aprende nas Universidades e que carrego com carinho onde quer que esteja.

A Suzimar, minha futura esposa, pelas discussões a respeito da educação, correções ortográficas, organização dos textos e, finalmente, pela paciência e compreensão nos momentos mais turbulentos.

Aos colegas e amigos do Mestrado, especialmente Jackson Santos e Luciana Veiga, que compartilharam comigo os conhecimentos e também sonham com uma educação de qualidade para todos.

Aos funcionários e professores da EST, principalmente Gisela Streck, Remí Klein, Euclides Redin e a professora orientadora Laude Brandenburg, pelas provocações e sugestões que contribuíram para melhorar esse trabalho.

Agradeço aos gestores Luis Carlos, Gildeni Lima e Everaldo Santos e demais professores e funcionários do CERJA. A todos os estudantes da escola, com quem compartilho diariamente minhas descobertas e tenho muitas expectativas.

A Ezequiel de Souza, pelo apoio técnico para o acabamento desta dissertação.

Para concluir, agradeço aos autores dos livros que serviram como referência e a todos que me estimularam e acreditaram neste trabalho.

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. [...] Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ao anunciar a novidade”.

(Paulo Freire)

“O espaço geográfico não apenas revela o transcurso da história como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente”.

(Milton Santos)

RESUMO

A educação pode ser considerada um dos principais pilares para a construção de uma sociedade mais justa. No entanto, os inúmeros problemas que as escolas públicas enfrentam atualmente têm reduzido progressivamente a possibilidade de ascensão individual e coletiva dos educandos que necessitam desses serviços. O presente trabalho tem como principal objetivo demonstrar a contribuição da pesquisa geográfica para a gestão educacional através de um estudo etnográfico realizado com estudantes do 3º ano do Ensino Médio de 2009 no Colégio Estadual Ruy José de Almeida (CERJA), onde foram investigadas duas categorias de análise: uma referente à qualidade ambiental e dimensão pedagógica da escola e outra relacionada ao perfil socioeconômico e cultural desses estudantes. A pesquisa realizada, por ter caráter subjetivo, está entrelaçada com aspectos históricos, políticos, sociais, econômicos, culturais e com o intervalo de tempo em que foi realizada. Portanto, os métodos utilizados foram o fenomenológico, que consiste em descrever a experiência tal como ela é, e o método dialético, que é dinâmico porque considera os fatos dentro de um contexto maior. O primeiro capítulo trata da contribuição da Geografia para a Educação e apresenta dados referentes à percepção dos estudantes em relação ao espaço físico, relacional e pedagógicos da escola. O segundo capítulo discute conceitos de espaço e lugar e apresenta dados referentes ao espaço comunitário, residencial e familiar dos estudantes. O terceiro capítulo trata dos cuidados da gestão educacional com seus futuros egressos, enfocando aspectos relacionados com o espaço escolar e a conclusão do Ensino Médio. Os resultados dessa pesquisa poderão proporcionar à comunidade escolar uma fundamentação que possibilite construir um planejamento contextualizado e, paralelamente, desenvolver atividades que melhorem a qualidade da educação oferecida. Dessa forma, essa pesquisa geográfica, após ser socializada, poderá contribuir no processo de tomada de consciência coletiva, aproximando a educação da realidade, os educadores dos educandos, a teoria da prática e a ciência da vida, convidando todos os servidores da educação, que compartilham dos mesmos ideais, a sonharem juntos e trabalharem para transformar esse sonho em realidade.

Palavras-chave: Escola. Pesquisa geográfica. Gestão educacional e cidadania.

ABSTRACT

Education can be considered one of the main pillars to build a fairer society. Nevertheless, the various problems which public schools face nowadays have progressively reduced the possibility of promoting individual and collective development of students who need these services. The main aim of this paper is to show the contribution of geographical research to educational management through an ethnographic study conducted with third graders of high school in 2009 at *Ruy José de Almeida* State School (CERJ), where two categories of analysis were investigated: one concerning the quality of the environment and the pedagogical dimension of the school and the other related to the socioeconomic and cultural status of those students. As this research has a subjective feature, it is intertwined with political, social, economic and cultural aspects and with the time it was performed. Therefore, the methods used were the phenomenological method, which describes the experience the way it really is, and the dialectical method, which is dynamic because it considers the facts within a broader context. The first chapter deals with the contribution of Geography to Education and presents data on students' perceptions concerning the physical, the relational and the pedagogical space of the school. The second chapter discusses the concepts of space and place and presents data concerning the communitarian, residential and family space of students. The third chapter presents aspects of care that the educational management provides for its future alumni, focusing on aspects related to the school space and the conclusion of high school. The results of this research will be able to provide the school community with basis that enables the construction of a contextualized plan and, simultaneously, the development of activities to improve the quality of the education that is offered. Thus, after this geographical research is socialized, it will contribute to the raising of collective consciousness, bringing together education and reality, educators and pupils, theory and practice, science and life, inviting all educators who share the same ideals to dream and work together to make this dream come true.

Keywords: School. Geographical research. Educational management and citizenship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO	13
1.1 A Geografia e os desafios contemporâneos.....	13
1.2 A questão da qualidade na educação e a contribuição da pesquisa geográfica	17
1.3 Um estudo de caso no Colégio Estadual Ruy José de Almeida (CERJA)	24
1.3.1 <i>Caracterização do objeto de estudo</i>	24
1.3.2 <i>Espaço físico</i>	26
1.3.3 <i>Espaço relacional</i>	28
1.3.4 <i>Espaço pedagógico</i>	30
1.4 Aspectos complementares da pesquisa	31
2 ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO.....	33
2.1 Conceitos-chave da Geografia: espaço, lugar.....	34
2.2 Avaliação pós-ocupação (APO)	38
2.3 Espaço comunitário.....	39
2.4 Espaço residencial.....	41
2.5 Espaço familiar	45
2.5.1 <i>Alimentação</i>	51
3 CUIDADOS DA GESTÃO EDUCACIONAL COM SEUS FUTUROS EGRESSOS.....	53
3.1 Espaço escolar	58
3.1.1 <i>Escola: um casulo coletivo</i>	59
3.1.2 <i>Escola: um verdadeiro mangue</i>	60
3.1.3 <i>Escola: uma cozinha repleta de possibilidades e sabores</i>	61
3.1.4 <i>Escola: uma academia para o cérebro</i>	61
3.2 Espaço de cuidado com a juventude.....	62
3.2.1 <i>Perspectivas para o futuro</i>	64
3.3 Espaço de transição.....	65
3.3.1 <i>Conceito de Rituais</i>	67
3.3.2 <i>Ritual de despedida dos estudantes do 3º ano de 2009 do CERJA</i>	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE A: Questionário sobre qualidade ambiental e dimensão pedagógica.....	81
APÊNDICE B: Questionário socioeconômico e cultural	83
APÊNDICE C: Resultados do questionário sobre qualidade ambiental e dimensão pedagógica.....	86
APÊNDICE D: Resultados do questionário socioeconômico e cultural	90
ANEXO A: Mapa do Município de Laje - Vale do Jiquiriçá - Bahia	96

INTRODUÇÃO

A escola é um dos espaços mais nobres que a humanidade conseguiu produzir em toda sua história porque pode ser percebida como o “berçário da sociedade”, onde o cidadão é despertado, onde se adquire valores morais que servirão por toda sua vida e se desenvolvem potencialidades.

Nesses espaços educativos, a pessoa se apropria e constrói conhecimento, começa a perceber que é no trabalho cotidiano que a história e o espaço geográfico são construídos e que o destino do planeta depende das ações no presente.

No entanto, percebe-se que a educação pública atualmente enfrenta uma crise profunda, necessitando de um esforço coletivo dos educadores e da própria sociedade no sentido de buscar alternativas, possíveis de serem aplicadas, para melhorar efetivamente sua qualidade, bem como cobrar do Poder Público mais compromisso com esse setor tão importante para o desenvolvimento humano.

Realizar uma leitura crítica do projeto pedagógico em curso, avaliar os resultados alcançados, verificar se atendem às expectativas contemporâneas, bem como realizar pesquisa em escala local deve fazer parte do cotidiano dos profissionais em educação. Caso contrário, estarão contribuindo apenas para reforçar esse modelo neoliberal que se preocupa apenas em formar/informar (ou mesmo deformar) o educando, para, assim, atender às exigências do mercado capitalista, que cria uma geração de fantoches, cujo senso crítico é pouco desenvolvido.

Pode-se atribuir uma grande parcela da responsabilidade desse lastimável quadro em que se encontra a educação atual no Brasil às reformas propostas, patrocinadas e incentivadas por agências internacionais e organismos multilaterais como o Banco Mundial (BID), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BIRD), o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização Mundial do Comércio (OMC), dentre outros, que fazem imposições, cobram resultados e contribuem para a (de)formação de pessoas limitadas a trabalhar e consumir.

Essas reformas, geralmente implementadas de forma autoritária e, sobretudo, descontextualizada, fazem desencadear uma série de implicações negativas a longo prazo, como a manutenção do modelo neoliberal, da sociedade de

consumo, da competitividade inconsequente, das privatizações que, por sua vez, geram sérios problemas ambientais e sociais num “efeito dominó”, como prediz a “teoria do caos”.

A luta por uma educação pública laica, popular, democrática e de qualidade, no Brasil, não é recente. Inclusive, faz parte de quase todos os discursos políticos de campanha eleitoral, demonstrando certo consenso de que a educação é um dos pilares mais importantes para o desenvolvimento de um país. Por outro lado, é possível perceber que uma educação medíocre interessa a uma elite dominante que se apropria desse discurso para se beneficiar politicamente e se perpetuar no poder. Por isso, seu compromisso se finda com a leitura dos votos nas urnas.

Em contrapartida, pode-se ressaltar também a existência de um outro projeto gestado pelos diferentes setores da sociedade civil organizada. Este se dissocia do modelo neoliberal por ser feito de forma coletiva e democrática, a serviço do trabalhador, da autonomia, da liberdade, da igualdade, da justiça e da cidadania, percebendo na educação um trampolim para o desenvolvimento de cidadãos críticos, emancipados e transformadores de sua realidade.

Para a construção de uma escola pública de qualidade, comprometida com a formação do cidadão, faz-se necessário que os trabalhadores envolvidos diretamente nesse processo tomem consciência dessa superestrutura e conheçam sua realidade através de pesquisas junto à comunidade escolar. Convidados a expressar seus anseios e participar das deliberações que lhes dizem respeito, passam a se relacionar melhor na e com a escola.

É nesse contexto que a pesquisa geográfica tende a contribuir, oferecendo uma fundamentação teórico-metodológica através de levantamento de dados. Espera-se, dessa forma, despertar nos educandos o autoconhecimento e um compromisso político com o espaço que ocupam. Entende-se nesse trabalho por “pesquisa geográfica” a investigação de questões sociais, culturais e econômicas em escala local, bem como a percepção que a comunidade pesquisada tem do espaço que estuda e da sociedade em que vive. Pesquisas dessa natureza permitem traçar um perfil da comunidade estudantil para que se possa, posteriormente, construir uma gestão fundamentada e contextualizada, única alternativa capaz de dar conta da complexidade que envolve a educação.

No Brasil, um país com dimensões continentais, a flexibilidade curricular tem como meta atender a diversidade cultural, social, econômica, regional e local. A pesquisa geográfica se apresenta como instrumento para um planejamento a curto, médio e longo prazo, que norteará ações prévias e democraticamente estabelecidas.

Esse trabalho tem como principal objetivo socializar os conhecimentos adquiridos no processo de pesquisa no Mestrado Profissional em Teologia, Educação Comunitária para Infância e Juventude, e na pesquisa geográfica realizada no Colégio Estadual Ruy José de Almeida (CERJA), localizado no município de Laje – Bahia, bem como disponibilizar os resultados à comunidade escolar que, apropriando-se desses resultados, poderá se organizar para minimizar problemas e melhorar a qualidade da educação oferecida.

Dessa forma, a pergunta central desse trabalho foi: Como a pesquisa geográfica pode contribuir para traçar um perfil socioeconômico e cultural dos estudantes do CERJA e avaliar a percepção que eles têm do espaço que ocupam?

Laraia, ao discutir como a cultura condiciona a visão de mundo do ser humano, faz uma citação de Ruth Benedict, quem sabiamente afirmou no livro *O crisântemo e a espada* que a cultura é como uma “lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diferentes e, portanto, têm visões desencontradas das coisas”.¹ Dessa forma, o contato direto entre pesquisador e informante no CERJA permitiu uma visualização mais precisa do objeto analisado, necessária para evitar distorções e/ou equívocos nos resultados.

Quanto aos resultados da pesquisa, foram apresentados separadamente por turnos, para que possam ser comparados. Das seis turmas de terceiro ano de 2009, foram aplicados 10 questionários em cada turma. Portanto, o universo de estudantes da escola nesse ano letivo foi: no matutino: Turma A: 41 e Turma B: 43 estudantes; no vespertino: Turma C: 38 e Turma D: 40 estudantes; e no noturno: Turma E: 33 e Turma F: 25 estudantes. Dessa forma, havia 220 estudantes no 3º ano, sendo que 60 responderam ao questionário, o equivalente a aproximadamente 17,8% do total.

¹ BENEDICT *apud* LARAIA, Roque B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 69.

Os métodos utilizados foram o fenomenológico, que consiste em descrever a experiência tal como ela é, e o método dialético, que é dinâmico porque considera os fatos dentro de um contexto social, cultural, econômico e político.

O primeiro capítulo trata da contribuição da Geografia para a Educação e apresenta dados referentes à percepção dos estudantes em relação ao espaço físico, relacional e pedagógico da escola. O segundo discute conceitos de espaço e lugar e apresenta dados referentes ao espaço comunitário, residencial e familiar dos estudantes. O terceiro trata da gestão educacional, enfocando aspectos relacionados com o espaço escolar e a conclusão do Ensino Médio.

Dessa forma, esse trabalho tentou ser um exercício de participação popular no qual os estudantes dessa escola tiveram a oportunidade de expressar, por meio de questionários, suas percepções e anseios.

Democratizar o processo de participação e decisão nos assuntos que lhes dizem respeito é contribuir para o fortalecimento da democracia e formação do cidadão capaz de observar, perceber, pensar, criticar, sugerir, participar, cobrar direitos... Enfim, agir como protagonista de sua própria história para ajudar a comunidade à qual faz parte.

1 GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO

1.1 A Geografia e os desafios contemporâneos

A partir da década de 1960, houve um crescimento acelerado da população urbana no Brasil. Esse crescimento da malha urbana de forma espontânea e caótica, sem a infraestrutura necessária, fez desencadear significativas alterações no ambiente natural, sociocultural e, conseqüentemente, trouxe impactos na qualidade de vida humana.

A poluição atmosférica e sonora, o risco de acidentes, o aumento da criminalidade, violência, desemprego, pobreza, exclusão social, o estresse e o medo já fazem parte do cotidiano das cidades. Essa deterioração na qualidade de vida, somada à crise de valores existenciais, socioculturais e ecológicos, tem levado muitos pesquisadores a repensarem o espaço urbano e a buscarem alternativas para minimizar os problemas existentes.

A Geografia, nesse contexto, assume um papel extremamente relevante à medida que se propõe a estudar o espaço e os lugares, investigando os aspectos socioambientais e as inúmeras relações que se estabelecem em escala local. Para atender a essa complexidade, a Geografia surge como uma ciência de “elo”, proporcionando diálogo entre áreas aparentemente distintas do conhecimento, num fascinante exercício de interdisciplinaridade.

Autores como Ana Fani, Yi-Fu-Tuan e Milton Santos, dentre outros que se interessam por esse assunto, trouxeram uma contribuição significativa para discutir aspectos relacionados à sociedade, ao espaço e à relação das pessoas entre si e com o meio que vivem. O sociólogo Pedro Demo faz uma discussão profunda a respeito da questão da qualidade em educação, da avaliação qualitativa e da necessidade da pesquisa para se conhecer e transformar a realidade através de ações previamente planejadas.

Vale lembrar também a contribuição do saudoso educador Paulo Freire, quem percebia a educação como instrumento político e de formação cidadã, capaz de sensibilizar o oprimido para a conquista da autonomia. Moacir Gadotti segue esse mesmo raciocínio. Freire destacava:

O novo profissional da educação precisa perguntar-se: por que aprender, para quê, contra quê, contra quem. O processo de aprendizagem não é neutro. O importante é aprender a pensar, a pensar a realidade e não pensar pensamentos já pensados. Mas a função do educador não acaba aí: é preciso pronunciar-se sobre essa realidade que deve ser não apenas pensada, mas transformada.²

Viajar no mundo do conhecimento com esses autores é um convite a buscar alternativas para amenizar os problemas locais e construir uma escola que atenda melhor às necessidades sociais e educacionais vigentes.

Questões sociais, culturais e econômicas devem fazer parte dessa teia de investigações dos educadores, uma vez que é muito comum oferecer os piores serviços a comunidades carentes e desinformadas, que são, muitas vezes, percebidas apenas como eleitores e, por isso, seus direitos acabam com as eleições.

Diante desse quadro, já não se deveria ficar no mero discurso da resistência crítica. Trata-se de ocupar, de forma criativa, os acessos ao conhecimento disponível e gerar, positivamente, propostas de direcionamento dos processos cognitivos – dos indivíduos e das organizações coletivas – para metas vitalizadoras do tecido social.³

Qualidade em educação faz parte de todos os discursos. No entanto, na prática, são muitos os que se favorecem da ignorância e se apropriam desse conceito para se beneficiar politicamente. No entanto, a educação não deve ser percebida como uma “batata quente”, cuja responsabilidade é sempre de terceiros, mas sim fazer parte das discussões, tanto na academia quanto no cotidiano informal dos grupos de pessoas. A Geografia, nesse sentido, por ter como objeto de estudo a sociedade, o espaço e suas relações, não pode ficar distante desse debate, mas deve oferecer sua contribuição nesse processo.

Segundo Milton Santos, “o espaço geográfico não apenas revela o transcurso da história como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente”.⁴ Freire também demonstra concordar com isso. Para Freire, “na medida em que os homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do

² FREIRE *apud* GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003. p. 53.

³ ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo a sociedade aprendente*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 27.

⁴ SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento crítico a consciência universal*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 80.

mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora”.⁵

Portanto, a mudança de postura, comportamento e práticas e a necessidade de rever conceitos e fazer a diferença fazem parte do processo de formação do cidadão (crítico e consciente), da qual a escola tem, ou deve ter, grande responsabilidade.

Para Gutiérrez e Prado, cidadão crítico e consciente “é aquele que compreende, se interessa, reclama e exige seus direitos ambientais ao setor social correspondente o que, por sua vez, está disposto a exercer sua própria responsabilidade ambiental”.⁶ E na escola “o aluno tem vez, pode participar, tem condições de interferir nas deliberações que os afetam diretamente”⁷ para, conseqüentemente, contribuir efetivamente na melhoria da qualidade dos serviços que lhes são oferecidos.

Dessa forma, “a possibilidade de cidadania plena das pessoas depende de soluções a serem buscadas localmente [...] a base geográfica dessa construção será o lugar, considerado como espaço de exercício da existência plena”.⁸

Sabidamente, Demo adverte que “[...] ter consciência de um problema ainda não é resolvê-lo, embora seja um passo indispensável”.⁹ Dessa forma, conhecer é absolutamente importante, pois só se cuida do que se conhece o valor. O desenvolvimento de pesquisas com esse caráter ajuda a agregar conhecimento e fundamentar as discussões, construindo oportunidade de educandos, educadores e funcionários, juntos, ler, refletir, discutir, criticar e construir alternativas para, ao menos, minimizar os problemas diagnosticados em pesquisas, seja através de mudanças de atitudes coletivas, seja através de cobrança de direitos junto aos órgãos responsáveis.

Boff acrescenta que o ato de conhecer, portanto, representa um caminho privilegiado para a compreensão da realidade, pois o conhecimento sozinho não

⁵ FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979. p. 33.

⁶ GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. *Ecopedagogia e cidadania planetária*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1999. p. 15.

⁷ REIGOTA, Marcos (Org.). *Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 21-22.

⁸ SANTOS, 2001, p. 113-114.

⁹ DEMO, Pedro. *Avaliação qualitativa: polêmicas do nosso tempo*. Campinas: Autores Associados, 1999. p. 16.

transforma a realidade, transforma a realidade somente a conversão do conhecimento em ação.¹⁰ Continua seu raciocínio afirmando que se entende por *práxis* exatamente esse movimento dialético entre a conversão do conhecimento em ação transformadora e a conversão da ação transformadora em conhecimento.

Neste sentido, a inserção de projetos nas escolas propicia um momento privilegiado para debates a respeito das questões ambientais em espaços construídos, garantindo uma formação com duplo caráter: o de formar cidadãos comprometidos e sensíveis à preservação da qualidade de vida e o de ingressar nas universidades com maturidade que permita desenvolver suas atividades profissionais no mercado de trabalho, sem privilegiar o econômico em detrimento do social e do ambiental.

Para Freire, “o educador que, ensinando geografia, ‘castra’ a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica”.¹¹

Um dos grandes desafios contemporâneos que se apresenta para os educadores é o de contribuir para formação de pessoas capazes de ver as coisas com mais profundidade, com um senso crítico aguçado, com sensibilidade social e ambiental e, sobretudo, com a capacidade de agir como protagonistas no espaço geográfico. Assim, a Geografia, como ciência social de caráter interdisciplinar, tem muito a contribuir nesse processo de tomada de consciência coletiva, despertando nas pessoas autoconfiança que as capacite para transformar a realidade e proporcionar melhorias significativas nas condições de vida das comunidades empobrecidas. Segundo Jacques Delors, “à educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele”.¹²

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”,¹³ repetia sabiamente Freire. Nesse sentido, Gadotti defende que,

¹⁰ BOFF, Leonardo. *Depois de 500 anos: que Brasil queremos?* Petrópolis: Vozes, 2000. p. 82.

¹¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica*. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 63.

¹² DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 1999. p. 89.

¹³ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000. p. 59.

numa perspectiva emancipadora, o educador deve ser um intelectual orgânico das classes populares, a favor dos interesses das pessoas que necessitam de educação.¹⁴ O autor demonstra, nesse parágrafo, acreditar que a educação é um grande instrumento de emancipação.

A escola pública amplia sua qualidade ao aprender com os movimentos de educação popular a incorporar, em seu cotidiano, o trabalho coletivo, as relações solidárias, os diferentes saberes e a participação das diferentes pessoas. O encontro da escola pública com a educação popular produz processos reflexivos e atuações que podem gerar práticas que ampliem a face democrática da escola e aprofundem seus vínculos com os históricos movimentos de emancipação humana.¹⁵

Aqui, assim como Rubem Alves, busca-se semear sementes de esperança. “Não busco discípulos para comunicar-lhes saberes. Os saberes estão soltos por aí, para quem quiser. Busco discípulos para neles plantar minhas esperanças de viver num mundo saudável e menos injusto”,¹⁶ no qual os interesses coletivos estejam à frente dos individuais.

1.2 A questão da qualidade na educação e a contribuição da pesquisa geográfica

A escola é uma das poucas instituições que sobre o “produto final” não existe padrão de qualidade definido devido à extrema complexidade que envolve a avaliação de sua qualidade. A princípio, para discutir esse conceito, é importante salientar que quantidade e qualidade não se excluem.

Educação tem sido o termo resumo para designar qualidade. Por uma série de razões, entre elas por estar na base da formação do sujeito histórico, crítico e criativo, educação perfaz a estratégia mais decisiva de fazer oportunidades, segundo Pedro Demo, quem ainda distingue qualidade formal de qualidade política, defendendo que a qualidade formal significa a habilidade de manejar meios e instrumentos, técnicas e procedimentos diante do desafio de desenvolvimento, está relacionada à produção de conhecimento, enquanto a qualidade política se refere à

¹⁴ GADOTTI, 2003, p. 68.

¹⁵ ESTEBAN, Maria T. Educação popular: desafio à democratização da escola pública. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 27, n. 71, jan./abr. 2007, p. 17.

¹⁶ ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 11.

competência do sujeito em forma de ação, de fazer história na sociedade através da participação.¹⁷

Como não há receitas a serem seguidas, a busca da qualidade deve ser intensiva e perene. Esse desafio deve ser assumido pelos educadores se quiserem melhorar efetivamente a qualidade da educação. Todos estamos modestamente a caminho, fazendo o caminho ao andar. Como nos ensinou o cantor catalão Juan Manuel Serrat, cantando versos do poeta clássico espanhol Antonio Machado: “Caminante, no hay camino, se hace el camino al andar”.¹⁸

É importante ter em mente o mesmo raciocínio de Freire, quando escreveu: “todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente, temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos”.¹⁹

Qualidade total é um termo muito utilizado atualmente, principalmente no setor empresarial, para designar organização e produtividade. No entanto, esse termo não se aplica à educação pública porque escola de “qualidade total”, afirma Demo, supõe necessariamente um professor formal e politicamente adequado e, por isso, bem remunerado, o que não é comum quando se refere à educação, especialmente a pública.²⁰ Esse autor volta a discutir esse assunto quando escreve que boa parte da imagem consolidada da escola pública é como coisa pobre, para o pobre, porque falta tudo e nada funciona bem.²¹

A questão salarial merece uma discussão séria no Brasil, numa tentativa de “estancar a migração” de bons profissionais para outras áreas, o que agrava ainda mais a situação. Boa remuneração está ligada à competitividade e à qualidade; a educação não deveria ser considerada “biscate”. No entanto, baixos salários levam os educadores a aumentarem a carga horária, às vezes, conciliando ensino privado com o público ou migrando para outras áreas profissionais, pois qualquer outro trabalho remunera melhor do que a educação nesse país.

Se há algo que os educadores brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e à

¹⁷ DEMO, Pedro. *Educação e qualidade*. Campinas: Papirus, 1994. p. 14-15.

¹⁸ SERRAT *apud* ASSMANN, 2001, p. 205.

¹⁹ FREIRE, 1979, p. 33.

²⁰ DEMO, 1994, p. 19.

²¹ DEMO, 1994, p. 64.

educação, inclui que a briga por salários menos imorais é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesa dos seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética.²²

Sem contar os indicadores quantitativos de desempenho como frequência, repetência e evasão, dentre outros, que desviam o principal foco da educação, a formação integral do ser humano. Utilizando as palavras de Demo, a qualidade começa pela adequação da quantidade, quantidade é alicerce para qualidade.²³ Dessa forma, não há como chegar à qualidade sem uma educação emancipadora, sem recursos, tampouco sem os elementos relacionados à quantidade que são extremamente necessários para o bom desempenho das atividades propostas.

Esses problemas exógenos dificultam o trabalho docente e distanciam a educação da qualidade, que fica restrita a programas eleitoreiros e discursos oportunistas de candidatos que têm interesse em uma educação adestradora, que deforma o cidadão à medida que forma o eleitor passivo, pedinte e alheio a seus direitos. Esse tipo de problema deve ser incorporado aos debates entre educadores, a fim de que lutem pelo reconhecimento e melhor remuneração. Essa luta deve ser travada pelos profissionais que acreditam na educação como trampolim para a consolidação de uma sociedade mais justa.

Minimizar os problemas endógenos da escola é outro desafio a ser encarado por educadores e, para tanto, é inquestionável a necessidade de se desenvolver pesquisas nas unidades escolares de modo que possam nortear iniciativas em busca da qualidade.

Para Gadotti, “a qualidade está diretamente relacionada com os pequenos projetos das próprias escolas que são muito mais eficazes na conquista dessa qualidade do que grandes projetos, mas anônimos, distantes do dia a dia das escolas”.²⁴

Segundo Demo, é comum a visão de pesquisador como alguém enfiado em livros, bibliotecas, tabelas, computadores, mas, longe da realidade que, muitas vezes, nem sabe onde fica.²⁵ O conhecimento só tem sentido quando acompanhado de mudança, participação e construção. Para ele, a pesquisa como princípio

²² FREIRE, 2000, p. 74.

²³ DEMO, 1994, p. 70.

²⁴ GADOTTI, Moacir. *Escola cidadã*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 69.

²⁵ DEMO, 1994, p. 48-49.

científico está relacionada com a face formal e a pesquisa como princípio educativo está relacionada à face política. Elas não se excluem, mas se completam para formação do pesquisador comprometido com os resultados de seu trabalho e com o direcionamento de sua pesquisa.

Por isso, o novo professor precisa desenvolver habilidades de colaboração (trabalhar em grupo, trabalhar a interdisciplinaridade), de comunicação (saber falar, seduzir, escrever bem, ler muito), de pesquisa (explorar novas hipóteses, duvidar, criticar) e de pensamento (saber tomar decisões).²⁶ Nessa perspectiva, estará contribuindo na formação de verdadeiros cidadãos.

Cidadania, para Demo, é um fenômeno que se nutre da inter-relação entre consciência crítica e capacidade de tomar iniciativas.²⁷ Educação qualitativa é precisamente aquela que constrói a capacidade de questionar, para melhor agir. No princípio da educação, está o questionamento, bem como a pesquisa.

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador.²⁸

A pesquisa deve fazer parte do cotidiano escolar, requisito para se planejar, discutir, tomar decisões e, sobretudo, para servir como instrumento de intervenção na realidade. Os envolvidos devem ler, planejar, pesquisar, descobrir, apropriar-se dos resultados e agir para melhorar a sua vida e a vida da comunidade da qual fazem parte. Na introdução do livro *Pesquisa: princípio científico e educativo*, Pedro Demo chama a atenção para a necessidade de cotidianizar a pesquisa e de percebê-la como processo normal de formação histórica das pessoas e grupos, à medida que significa também condição de domínio da realidade que nos circunda.²⁹

Dessa forma, a pesquisa é mais um instrumento que norteará o trabalho pedagógico, sendo uma oportunidade de os envolvidos nesse processo ler, reler, refletir, discutir, criticar e construir mecanismos para, ao menos, minimizar os

²⁶ GADOTTI, 2003, p. 54.

²⁷ DEMO, 1994, p. 50.

²⁸ FREIRE, 2000, p. 32.

²⁹ DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 10.

problemas diagnosticados na pesquisa, seja através de mudanças de atitudes coletivas ou cobrança de direitos junto aos órgãos responsáveis.

Nessa perspectiva, e ainda conciliando teoria, pesquisa e prática, torna-se possível criar uma atmosfera favorável para o despertar do pesquisador em potencial que cada educador carrega consigo, de modo que desenvolva progressivamente um senso crítico, a capacidade de olhar sua realidade com mais profundidade, sempre acompanhado de questionamentos filosóficos, reflexões de caráter moral, ético e político.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. [...] Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ao anunciar a novidade.³⁰

A superação das velhas dicotomias entre saber e mudar, entre cientista e professor, teoria e prática, faz aproximar o conhecimento da vida. Segundo Demo, de certa maneira, pesquisa se confunde com a filosofia por seu caráter curioso e questionador que faz surgir o conhecimento a partir da construção continuada e do diálogo.³¹

Rubem Alves, em *Filosofia da ciência*, inicia sua obra com uma frase de G. Myrdal a qual diz que a ciência nada mais é que o senso comum refinado e disciplinado.³² Também critica, ainda nas primeiras páginas do livro, a imagem distorcida de cientista que é disseminada, que o caracteriza como um louco, pensador que vive dentro de um laboratório, que sabe de tudo e a quem devemos obedecer, porque não precisamos pensar, já que existe uma classe especializada em pensar de forma correta. Assim, os demais indivíduos são liberados da obrigação de pensar e podem simplesmente fazer o que os cientistas mandam.

Essa imagem de cientista, descrita acima, está tão enraizada em nosso cotidiano que muitas pessoas acreditam não ser possível fazer ciência na escola básica e, dessa forma, apenas são executadas as receitas pensadas pelos intelectuais, muitas delas descontextualizadas e desvinculadas da realidade.

³⁰ FREIRE, 2000, p. 32.

³¹ DEMO, 2001, p. 15.

³² MYRDAL *apud* ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência*. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 9.

Outro desafio para educadores e gestores diz respeito a desmistificar essa ideia do cientista que só pensa e diz como fazer e buscar alternativas nas unidades em que trabalha, para despertar o cientista/pesquisador adormecido que trazem consigo. Vale ressaltar, mais uma vez, a importância da teoria vinculada com a prática, que é a única capaz de transformar efetivamente a realidade. Precisa-se, dessa forma, despertar o cientista prático que faz do cotidiano um laboratório e do conhecimento um alimento para melhoria da qualidade de vida coletiva.

Neste sentido, a inserção da pesquisa nas unidades escolares, coordenada e orientada pelos educadores e equipe pedagógica, propicia um salto qualitativo rumo à construção de um ambiente mais saudável e produtivo. Para Freire,

Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-lo e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias. O homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos. Cultura é tudo o que é criado pelo homem. Tanto uma poesia como uma frase de saudação. A cultura consiste em recriar e não de repetir. O homem pode fazê-lo porque tem consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo. Isso nos leva a uma segunda característica da relação (a primeira é refletir sobre a realidade): a consequência, resultante da criação e recriação que assemelha o homem a Deus. O homem não é, pois, um homem para a adaptação. A educação não é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais.³³

Heloísa Lück chama a atenção, no livro *Pedagogia interdisciplinar*, que o desafio apresentado à educação contemporânea consiste em se apresentar como uma ação educativa dinâmica e dialética, visando desenvolver entre seus participantes a consciência da realidade humana e social, da qual a escola faz parte, mediante uma perspectiva globalizadora.³⁴

É nesse contexto que cabe a introdução da *Pesquisa geográfica*, cujo propósito é investigar questões sociais, culturais e econômicas da comunidade pesquisada, bem como a percepção que elas têm do lugar que estudam e do espaço em que vivem. Pesquisas dessa natureza permitem traçar um perfil da comunidade estudantil e conhecer, com mais profundidade, particularidades imperceptíveis aos olhos do senso comum.

³³ FREIRE, 1979, p. 30-31.

³⁴ LÜCK Heloísa. *Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 31-32.

Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente esse é capaz, por tudo isso, de comprometer-se. Além disso, somente esse ser é já em si um compromisso. Este ser é o homem.³⁵

Portanto, deve-se compreender que a escola “tem de ser parte da própria sociedade, viver de acordo com o seu ritmo de vida e nunca ignorar esse ritmo ou ir contra ele, procurando conhecer a vida da sociedade a qual ele prepara os homens”.³⁶ De acordo com Milton Santos,

Devemos considerar que o mundo é formado não apenas pelo que já existe (aqui, ali, em toda parte), mas pelo que pode efetivamente existir (aqui, ali, em toda parte). O mundo datado de hoje deve ser enxergado como o que na verdade ele nos traz, isto é, um conjunto presente de possibilidades reais, concretas, todas factíveis sob determinadas condições.³⁷

Uma gestão educacional fundamentada na pesquisa de caráter geográfico, na perspectiva acima mencionada, aumenta consideravelmente a probabilidade de acertar nos projetos desenvolvidos nas escolas. A mudança de postura, comportamento e práticas e a necessidade de rever conceitos e fazer a diferença fazem parte do processo de formação do cidadão, na qual essas instituições têm grande responsabilidade.

Nesse sentido, a pesquisa geográfica assume um papel relevante na busca da qualidade através da investigação de questões referentes ao espaço escolar. Adotando um enfoque sistêmico, capaz de considerar as múltiplas variáveis que influenciam na qualidade dos serviços oferecidos, cria-se um referencial que permite aos educadores e aos demais envolvidos no processo educativo repensarem o espaço em que estão inseridos e melhorar suas condições.

A seguir, serão apresentados os resultados do estudo e a contribuição da pesquisa geográfica realizada no CERJA que demonstra a importância de se conhecer a realidade para se intervir de forma consciente, através de um planejamento bem definido e condizente com as expectativas dos educandos.

³⁵ FREIRE, 1979, p. 17.

³⁶ LEMME, Paschoal. *Educação democrática e progressista*. São Paulo: Pluma, 1961. p. 229.

³⁷ SANTOS, 2001, p. 160.

1.3 Um estudo de caso no Colégio Estadual Ruy José de Almeida (CERJA)

O estudo de caso realizado no CERJA tem como objetivo investigar a realidade em escala local, de modo que o resultado da pesquisa sirva como referência para buscar alternativas que melhorem a qualidade de vida da comunidade pesquisada.

Para tanto, adotou-se nesse trabalho um estudo etnográfico, cujo propósito foi investigar o perfil socioeconômico e cultural bem como a percepção que os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio têm do espaço que ocupam e da dimensão pedagógica que influencia diretamente em seu rendimento estudantil.

Esse subtítulo tratará das informações coletadas e dos resultados obtidos com a pesquisa.

1.3.1 Caracterização do objeto de estudo

Laje é um pequeno município localizado no Vale do Jiquiriçá, Recôncavo Sul da Bahia, com aproximadamente 21.000 habitantes, que apresenta uma infinidade de problemas ambientais urbanos, como toda cidade que cresce sem o planejamento necessário para seu desenvolvimento a médio e longo prazo.³⁸

A preocupação com a qualidade dos serviços prestados em escolas foi influenciada pelo trabalho de educador, prestado pelo autor há alguns anos nesse município, especificamente no CERJA, sendo possível perceber empiricamente que a pesquisa geográfica poderia ser um importante instrumento para orientar a gestão educacional.

No município de Laje existem duas escolas de Ensino Médio que atendem majoritariamente estudantes que residem fora do perímetro urbano. Esse prédio escolar foi construído em 2007 para atender uma comunidade que estudava em um espaço alugado e inadequado para funcionar por apresentar inúmeros problemas, dentre eles a falta de conforto e qualidade ambiental.

Minimizar os problemas urbanos provenientes do crescimento populacional e do êxodo rural implica oferecer infraestrutura, serviços e condições dignas para atender às necessidades emergentes.

³⁸ ANEXO A. Localização do município no mapa do Estado da Bahia.

Muitas escolas desse município são cobertas com telhado de amianto, o que provoca um desconforto térmico, as salas apresentam ausência ou pouca ventilação, baixa luminosidade, ausência de áreas verdes, espaço para lazer, poluição visual proveniente da ausência de manutenção periódica do prédio, cadeiras quebradas e paredes riscadas. Casos como esses não são muito raros e demonstram muito bem o estado preocupante em que se encontra a educação no Estado da Bahia, principalmente no interior, onde os recursos são insuficientes para a manutenção e bom funcionamento dos prédios, além do descaso por parte do Poder Público que desconsidera, por ignorância ou por negligência, a qualidade ambiental como requisito para o bom desempenho das atividades docentes.

A escola analisada dispõe de uma estrutura moderna e não apresenta tantos problemas quanto aqueles citados acima, exceto a ausência de área verde, que deveria ser incluída em empreendimentos dessa natureza, por proporcionar um ambiente mais agradável e esteticamente melhor. Este problema já está sendo resolvido com a criação de jardins e plantio de espécies de árvores.

A sirene da escola é alta e o ruído incomoda funcionários e muitos estudantes, inclusive alguns dos que responderam ao questionário se manifestaram em relação a esse problema.

No CERJA, foram matriculados em 2009, 732 estudantes do Ensino Médio, dos quais 227 estudam no matutino, 242 no vespertino e 263 no noturno. Trabalharam nesse espaço, no ano em que a pesquisa foi realizada, um diretor, dois vice-diretores, uma secretária, duas auxiliares de secretaria, dois funcionários responsáveis pelos serviços gerais, um porteiro e duas pessoas responsáveis pela cantina. O corpo docente era composto por 27 educadores que residiam no mesmo município ou em municípios vizinhos. É importante ressaltar que, como em muitas escolas do Estado da Bahia, não havia coordenação pedagógica no ano em que a pesquisa foi realizada.

Em relação aos recursos permanentes disponíveis, a escola ainda está se equipando, uma vez que o prédio foi inaugurado recentemente. No entanto, já foram adquiridos alguns computadores, TV, aparelho de som, caixa amplificadora e projetor, dentre outros recursos audiovisuais utilizados para enriquecer as aulas. Vale ressaltar também que, diferente de muitas escolas, os quadros são brancos para evitar problemas alérgicos e outros transtornos provocados pelo uso de giz.

Dessa forma, a ausência de pesquisas que proporcionassem iniciativas práticas para melhorar esse espaço de apropriação, produção e construção do conhecimento justificou o interesse por esse trabalho, que servirá como referência para futuros empreendimentos e iniciativas que melhorem a qualidade da educação oferecida nessa instituição.

Os resultados dessa pesquisa devem proporcionar à comunidade escolar uma fundamentação que possibilite fazer um planejamento mais contextualizado para, em seguida, traçar objetivos e metas capazes de melhorar os serviços oferecidos.

1.3.2 Espaço físico

O CERJA tem um espaço físico amplo em relação a outras escolas do Município de Laje. Os dados coletados demonstraram que 88,3% dos estudantes questionados consideraram o espaço interno bom, 10% assinalaram regular e apenas 1,7% consideraram ruim.

Em relação à poluição sonora, 58,3% do total de entrevistados avaliaram como médio porque incomodava pouco e apenas 11,7% revelaram que se sentiam realmente incomodados com o barulho na escola. Comparando por turnos, foi possível perceber que o matutino majoritariamente considerou médio (representando 80% do total), o vespertino, apesar de 30% consideraram médio, 25% consideraram alto porque os ruídos incomodavam muito. No noturno, por sua vez, nenhum estudante considerou alto o barulho, metade considerou baixo e a outra metade considerou médio, o que demonstra que é o turno mais “tranquilo” em relação à poluição sonora, apesar de ser o que tem a maior quantidade de classes funcionando. Isso pode ser influenciado pela idade e maturidade dos estudantes e/ou pelo desgaste do trabalho, geralmente braçal, que a grande maioria enfrentava em seu cotidiano.

Referente à limpeza da escola, consideraram boa ou regular 98,4% do total de estudantes questionados sendo que, apenas 1,6% consideraram ruim, indicação essa que apareceu apenas no turno matutino. Observemos o que eles escreveram a esse respeito:

- 1) Matutino: “Regular, porque o chão às vezes está bem sujo”. “Regular, porque encontro pouca sujeira”. “Bom, porque quando eu chego encontro sempre limpo”...

Observe que na primeira e na segunda frase, mesmo justificando de forma semelhante, um considerou regular e o outro boa, o que demonstra a relatividade da percepção de cada indivíduo.

- 2) Vespertino: “Regular, porque está sempre limpo”. “Boa, porque está sempre limpo”. “Regular, porque os alunos não dão valor e sujam”. “Regular, porque os próprios alunos jogam lixo no chão”...
- 3) Noturno: “Regular, porque deveria ter mais funcionários”. “Boa, porque não vemos sujeira na escola”. “Regular, porque falta vasculhar o telhado”. “Regular, porque às vezes encontramos a sala suja”. “Regular, porque tem muito aluno mal educado que suja o que encontrou limpo”...

Já em relação às condições dos banheiros, consideraram boa ou regular 95% dos questionados. No entanto, o turno que mais demonstrou estar incomodado com as condições do banheiro foi o matutino, no qual 15% assinalaram ruim.

Observemos o que eles escreveram em relação a essa questão dos banheiros:

- 1) Matutino: “Regular, porque as pessoas sujam muito”. “Boa, porque todo final de turno é limpo”. “Regular, porque às vezes encontramos o vaso entupido com papel higiênico”. “Regular, porque às vezes está com mau cheiro”...
- 2) Vespertino: “Bom, porque tem banheiro para deficiente e está adequado e limpo”. “Regular, porque sempre falta papel higiênico”. “Regular, porque os alunos não dão valor e sujam”...
- 3) Noturno: “Bom, porque estão sempre limpos e em boas condições de uso”. “Regular, porque às vezes estão entupidos”. “Bom, porque toda vez que eu vou está limpo”. “Regular, porque tem mau cheiro”...

Outro fator tão importante quanto a limpeza para o bom funcionamento da escola é a segurança. Quando questionados em relação a isso, o resultado foi o seguinte: sentem-se muito seguros ou seguros 78,3% do total, 18,3% se sentem pouco seguros e apenas 3,4% se sentem inseguros. Os estudantes do turno que se sentem mais seguros são os do matutino e o que se sentem mais inseguros são os do vespertino.

A segurança é um fator indispensável para a concentração e o desenvolvimento das atividades intelectuais. Em uma escola, é importante o

estudante relaxar e estar despreocupado com possíveis ameaças. É necessário que se sinta confortável, acolhido e seguro para produzir.

1.3.3 Espaço relacional

As relações que se estabelecem no cotidiano escolar são de fundamental importância para a formação integral do indivíduo, uma vez que não se aprende apenas com os livros, mas também de forma significativa no conviver com o outro, no estar junto, no compartilhar ideias e experiências e até na administração das diferenças e conflitos.

Nessa co-existência e com-vivência, nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo seu próprio ser, sua autoconsciência e sua própria identidade.³⁹ Para Edson Ponick,

[...] cada pessoa se forma e é formada a partir das reflexões que faz sobre si mesma e sobre todas as informações às quais tem acesso. Ela se forma e é formada pelas reflexões que faz a partir da interação com outras pessoas, que, por sua vez, também estão num processo contínuo de formação do seu ser sujeito no mundo.⁴⁰

Dos educadores, são exigidos, além do domínio do conteúdo da disciplina que ministram e de metodologias e técnicas apropriadas para a socialização do conhecimento, muitas outras habilidades e cuidados. Para Delors, nesse contexto, “qualidades como a capacidade de comunicar, de trabalhar com os outros, de gerir e de resolver conflitos, tornam-se cada vez mais importantes”.⁴¹

A noção de qualidade precisa mudar profundamente: a competência profissional deve ser medida muito mais pela capacidade do docente estabelecer relações com seus alunos e seus pares, pelo exercício da liderança profissional e pela atuação comunitária, do que na sua capacidade de “passar conteúdos”.⁴²

³⁹ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 92.

⁴⁰ PONICK, Edson. *Experiências formativas: contribuições da Semana de Criatividade para a formação de educadores*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2007. p. 14.

⁴¹ DELORS, 1999, p. 94.

⁴² GADOTTI, 2003, p. 26.

O cuidado somente surge quando a existência de algum tem importância para mim. Passo então a me dedicar a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida.⁴³

Quando questionados a respeito da qualidade da relação com os diretores dessa escola, 81,7% do total de estudantes avaliaram como boa e os demais, 18,3% avaliaram como regular. Uma relação saudável, fundamentada no diálogo e no respeito é de fundamental importância para a harmonia da instituição e para o desenvolvimento das atividades escolares.

Sentem-se à vontade para participar das decisões na escola 63,4% do total de estudantes e 33,3% assinalaram que, às vezes, se sentem a vontade. Apenas 3,3% não se sentem à vontade para participar. Esses dados reforçam a questão anterior e demonstram o perfil democrático que educadores, diretores e funcionários dessa escola estabelecem com o corpo discente. Essa postura contribui na formação de cidadãos ativos e capazes de participar como protagonistas das decisões que lhes dizem respeito.

Segundo Freire, “[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”.⁴⁴ Educadores dispostos ao diálogo horizontal e dispostos a construir e manter um ambiente participativo proporcionam uma boa qualidade nas relações entre os envolvidos no processo educativo.

O ambiente propício ao diálogo é criado apenas por um “[...] educador democrático, que aprende a falar escutando, é cortado pelo silêncio intermitente de quem, falando, cala para escutar a quem, silencioso, e não silenciado, fala”.⁴⁵

A relação entre colegas de classe também foi considerada boa, sobretudo, no noturno, chegando a 95%. No período matutino, 30% consideraram regular, índice maior entre os turnos. A relação com estudantes de outras salas está praticamente dividida entre boa e regular, aparecendo apenas 10% no matutino que assinalaram ruim. Esses dados demonstraram a necessidade de se desenvolver

⁴³ BOFF, 2002, p. 91.

⁴⁴ FREIRE, 2000, p. 29.

⁴⁵ FREIRE, 2000, p. 132.

mais atividades com o propósito de integrar estudantes de classes diferentes de modo que melhore ainda mais a relação entre eles.

1.3.4 Espaço pedagógico

Os educadores do CERJA são graduados e pós-graduados, o que é um indicativo de que a equipe se especializa e, conseqüentemente, busca melhorar a qualidade dos serviços oferecidos aos estudantes. Muitos deles residem em outros municípios e, às vezes, lecionam outras disciplinas diferentes de sua formação, especialmente pela carência de encontrar profissionais graduados em áreas específicas.

Isso foi demonstrado no resultado do questionário, quando nenhum estudante assinalou que tem uma relação ruim com os educadores e 98,3% do total assinalaram que, sempre ou às vezes, os educadores trazem recursos interessantes para as aulas numa tentativa de tornar os encontros mais prazerosos e envolventes.

Ao avaliar os educadores dessa instituição, 93,3% dos estudantes questionados consideraram que todos ou a maioria dos professores dominam os conteúdos das disciplinas que lecionam. No entanto, 10% dos estudantes do matutino e 5% do vespertino assinalaram que apenas a minoria domina o conhecimento da disciplina que leciona e o único estudante que assinalou que nenhum dominava foi do noturno que também não considerava as aulas interessantes.

95% dos questionados consideraram as aulas interessantes e muito interessantes, o que representa uma alta porcentagem e certa coerência com os dados analisados anteriormente. 96,7% deles assinalaram que participam sempre e às vezes ativamente das aulas, o que é um indicativo de que se consideram majoritariamente participativos e envolvidos nos encontros.

Quando questionados a respeito do grau de dificuldade das atividades avaliativas, 71,7% do total de estudantes questionados consideraram regular, 23%, difíceis e apenas 5% consideram as avaliações fáceis. Atividades fáceis contribuem para cair o nível da escola e o déficit de conhecimento repercute consideravelmente no futuro dos educandos. Já em relação à exigência para com eles, 68,3% assinalaram que os educadores sempre eram exigentes e 31,7% assinalou que

eram exigentes apenas às vezes. Esses dados podem ser um indicativo de que o perfil da escola analisada não é o de facilitar a aprovação sem as competências necessárias e essa exigência é de fundamental importância para melhorar a qualidade da educação oferecida.

1.4 Aspectos complementares da pesquisa

No espaço disponibilizado para que comentassem ou expressassem suas ideias em relação a outros aspectos que consideram relevante, o resultado foi o que segue.

1- Matutino

Aspectos positivos: “Gostei de responder ao questionário”. “Os funcionários da escola atendem bem”. “É legal a estrutura da escola, pois é uma das melhores da região em tudo, tem área de lazer, sala de leitura, informática, pátio, jardim e está melhorando a cada dia”. “Acho muito interessante a horta comunitária”. “O CERJA em si é ótimo, e não tenho o que reclamar”...

Aspectos negativos: “Eu não gosto do trajeto da escola aqui da cidade por causa da ladeira, na hora de ir embora tem que ser rápido porque o ônibus não espera”. “Alguns funcionários querem mandar mais que o diretor da escola e não têm paciência para lidar com adolescentes”. “Gostaria que funcionários passassem por treinamento para lidar com adolescentes”. “Gostaria de comentar a respeito da estrutura da escola que, apesar de ser longe do centro da cidade, é bem ampla, bem dividida, contém objetos de primeira qualidade e tem conquistado um espaço de melhor colégio”...

2- Vespertino

Aspectos positivos: “Com relação ao espaço de lazer da escola, é ótimo porque tem quadra de esporte, jardim e uma área interna muito grande”. “Os livros que o Ensino Médio recebeu esse ano e que os outros anos não tiveram”. “Os eventos que acontecem na escola são muito importantes porque fazem o aluno se sentir bem”...

Aspectos negativos: “Falta aula de informática, esporte e material para pesquisa”. “A ladeira é ruim porque quando chove os alunos sobem a pé”. “Falta de materiais para pesquisa e aula de instrumentos musicais”. “Falta aula de música e material para pesquisa”. “A localidade que é de difícil acesso”. “Falta aula de esporte e material de pesquisa”...

3- Noturno

Aspectos positivos: “Os livros que chegaram esse ano vão ajudar muito”...

Aspectos negativos: “A sirene da escola é péssima”. “O que incomoda um pouco é a sirene”. “No começo de 2008 fiquei preocupado com relação ao caminho que teria que percorrer até a escola mas tudo saiu bem. Mas, na minha opinião, deveria ser lá em baixo no barracão novo (Feira)”. “O local que a escola foi construída não foi muito favorável ao acesso dos alunos. Os responsáveis não questionaram nossa opinião”...

Para concluir, dentre os aspectos positivos mais citados, a maior parte foi em relação à estrutura da escola, à qualidade dos professores e ao fato de terem gostado de responder ao questionário. Por outro lado, os principais problemas comentados foram em relação à localização da escola, cujo acesso é dificultado por conta de uma descida bastante íngreme.

Essa possibilidade de se manifestar em relação ao espaço que ocupam é um grande exercício de participação popular e faz com que os estudantes reflitam sobre a qualidade dos serviços que estão sendo oferecidos a eles bem como sobre sua postura diante da realidade.

O capítulo seguinte tratará da pesquisa etnográfica, bem como de conceitos-chaves da Geografia e da Arquitetura que contribuem na compreensão do espaço habitado. Entender como os estudantes de uma escola se relacionam com as pessoas que convivem e como eles se apropriam do espaço que ocupam pode ser uma porta de acesso a aspectos mais profundos da vida desses estudantes e a bússola que orienta educadores e gestores para compreendê-los melhor, de modo que possam oferecer uma educação de melhor qualidade.

2 ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO

“Cada sociedade humana existe e se constrói num determinado espaço e se organiza de forma particular e diferente de outras”.⁴⁶ Partindo desse princípio, para o desenvolvimento dessa pesquisa foram utilizados o método fenomenológico, que consiste em descrever a experiência tal como ela é, e o método dialético, que é dinâmico porque considera os fatos dentro de um contexto social, cultural, econômico e político.

As razões para a escolha do estudo etnográfico, segundo André, “é a de se propor a realizar um estudo profundo de uma unidade em sua complexidade e em seu dinamismo próprio, fornecendo informações relevantes para a tomada de decisões”.⁴⁷

Pesquisas de natureza etnográfica foram desenvolvidas pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. O estudo de caso está ligado à pesquisa do tipo etnográfico, de acordo com André.⁴⁸ A autora reforça que o estudo de caso etnográfico só vai surgir recentemente na literatura educacional, enfatizando o conhecimento do particular, sendo que o pesquisador deve estar atento ao contexto e inter-relações como um todo orgânico.

Mariza Peirano afirma que esse tipo de estudo se caracteriza pela presença do pesquisador em campo, junto ao grupo que ele observa.⁴⁹ Segundo ela, essa postura deriva da noção de que a antropologia sempre deu (ou teve como intenção dar) razão e voz aos nativos, levando em consideração a perspectiva de um “outro” diferente, de grupos que não pensam e agem como nós.

Para investigar quaisquer manifestações culturais, é de fundamental importância que o pesquisador leve em consideração a complexidade e as múltiplas variáveis envolvidas de modo a evitar conclusões antecipadas e, por isso, superficiais. Para tanto, faz-se sempre necessário compreender alguns conceitos

⁴⁶ MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 12.

⁴⁷ ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papyrus, 1995. p. 49.

⁴⁸ ANDRÉ, 1995, p. 30.

⁴⁹ PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 09.

relacionados a essas questões, bem como estabelecer um contato direto e um diálogo horizontal permanente entre os envolvidos na pesquisa.

2.1 Conceitos-chave da Geografia: espaço, lugar

Espaço e lugar são alguns dos conceitos-chaves da Geografia e não podem ser definidos isoladamente. Para essa ciência, o conceito de espaço é mais abstrato do que o conceito de lugar. Segundo Yi-Fu Tuan, o que começa como espaço indiferenciado se transforma em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.⁵⁰ Dessa forma, o lugar pode adquirir profundo significado através do acúmulo de sentimentos ao longo dos anos e a partir das lembranças de pessoas a este lugar associadas.

Esse autor, referindo-se à qualidade ambiental, afirma que relativamente poucas obras tentam compreender o que as pessoas sentem sobre o espaço e o lugar no que diz respeito a considerar as diferentes maneiras de experienciar (sensório-motora, tátil, visual, conceitual) e interpretar o espaço e lugar como imagens de sentimentos complexos e às vezes ambivalentes.⁵¹ Yi-Fu Tuan também comenta que lugar pode significar mais que espaço físico, isso porque sugere espacialidade e está, por sua vez, intimamente associada à sensação de estar livre.⁵² Uma faculdade (ou escola) não somente deve ter salas de aula adequadas, bibliotecas e laboratórios, mas deve parecer espaçosa e livre para os estudantes que nela ingressam para ampliar suas mentes.

Também aprofunda acrescentando que o espaço é símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço permanece aberto, sugere liberdade, futuro e convida à vida. Paradoxalmente, também pode parecer ameaça. Ser aberto e livre é estar exposto e vulnerável. Já o espaço fechado é o lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos. Os seres humanos necessitam de espaço e lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade.

Dessa forma, pode-se concluir que lugar é uma parte do espaço intimamente familiar, onde podemos respirar sossegados, ler, comer, conversar e nos relacionar

⁵⁰ TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* São Paulo: Difel, 1983. p. 6.

⁵¹ TUAN, 1983, p. 7.

⁵² TUAN, 1983, p. 29.

sem maiores preocupações. Vale salientar ainda que lugar existe em escala diferente, uma carteira, uma sala de aula, uma escola, um bairro, uma cidade, uma região, um estado, um país... Enfim, para quem está na escola seu lugar, pode ser sua carteira, no local que está acostumado a se sentar para fazer suas atividades e com os mesmos colegas sentados ao redor. Em contrapartida, para quem está em outro país, o Brasil pode ser considerado seu lugar, porque se identifica com o idioma, a cultura, culinária, os costumes... Dessa forma, estar chegando à fronteira pode fazê-lo se sentir em casa, em seu lugar.

Com o atual estágio de desenvolvimento tecnológico, pode-se afirmar que é possível “conhecer o mundo” sem sair de seu lugar, estabelecer diálogo com pessoas distantes e ter acesso, em tempo real, a informações de todos os lugares do planeta. No entanto, é no lugar que as relações se estabelecem efetivamente, onde a história é vivida e o espaço geográfico é construído.

A globalização se materializa concretamente no lugar, à medida que se lê, percebe e entende o mundo moderno em suas múltiplas dimensões, uma perspectiva mais ampla, o que significa dizer que no lugar se vive, realiza-se o cotidiano, e é aí que ganha expressão o mundo.⁵³ Se é no âmbito local que a história é vivida, faz-se necessário levar em conta que a história tem uma dimensão social que emerge no cotidiano das pessoas, no modo de vida, no relacionamento com o outro, entre estes e a apropriação desse lugar.

Lugares podem ser percebidos como “cacos” de um grande mosaico chamado de espaço geográfico. São “cacos vivos”, com dinâmica própria e particularidades que precisam ser consideradas como construção social de uma comunidade. Dessa forma, o lugar abre perspectivas para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço, como afirma Ana Fani.⁵⁴

A diversidade dos lugares faz parte dos objetos de estudo dos geógrafos, e a escola é o lugar onde os jovens estudantes estão diariamente se apropriando do conhecimento, produzindo, pensando o mundo e suas relações, vivendo e sonhando. Esse lugar é cheio de significados que criam um sentido de identidade. São as relações que criam o sentido dos lugares, relação entre as pessoas e das

⁵³ FANI, Ana. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 15.

⁵⁴ FANI, 1996, p. 16.

peças com o espaço construído, e é nesse âmbito local que a história é construída lenta e progressivamente.

Ao demarcar o lugar, com suas ações, com seu “ir e vir”, o ser humano se identifica com o espaço porque seus traços, suas marcas o transformam, na convivência com o lugar e nele se produz a identidade.⁵⁵

Segundo Milton Santos, lugares se criam, recriam e renovam e o motor desse movimento é o trabalho.⁵⁶ Pode-se acrescentar que é o trabalho, através do pensar contínuo, da dimensão política da educação que Pedro Demo e Paulo Freire defendem, que a escola pode ser percebida como epicentro de uma grande erupção de mudanças de paradigmas, centrado na perspectiva de uma sociedade mais saudável, em todos os sentidos. É na escola que iremos optar pelo tipo de sociedade que se quer desenvolver. É uma “nano” amostra do futuro, e a Geografia não poderia negligenciar um espaço tão rico e promissor, se encarado com a seriedade que merece.

A escola é, sobretudo, lugar de relações dos estudantes com eles mesmos, com o outro, com o grupo, com os educadores, gestores, coordenadores e funcionários, com a família e da família com eles, com o espaço “além muros”, com o bairro, a cidade, com a história... E esses laços, essa teia de relações que se estabelecem, a sociabilidade dos que compartilham esse lugar e as experiências realizadas nele é que o fazem tão complexo, heterogêneo e especial.

Cada cabeça é um “mundo” e cada escola é um mundo de cabeças, pulsando, pensando e norteando as ações dos estudantes. Escola ruim é reflexo do subdesenvolvimento, da ignorância e analfabetismo político de um povo. É por esse motivo que elas ainda são muradas e fechadas no final de semana. Os muros altos separam a sociedade da escola e as pessoas do saber, lugar dissociado da vida cotidiana que lembra até as muralhas das cidades medievais.

Escola não deveria ser um enclave na cidade e, sim, um ponto de encontro de pensadores e estudantes que discutem e buscam alternativas para resolver problemas e desenvolver projetos. Para reforçar essa ideia, pode-se citar Rubem Alves, quando, no livro *Aprendiz de Mim: um bairro que virou escola*, escreve que

⁵⁵ FANI, 1996, p. 81.

⁵⁶ SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 20.

escola é geralmente um espaço fechado, separado do “lá fora”. Ainda nesse livro, afirma que “uma casa para ser boa tem de ter a cara do dono, uma cidade para ser boa tem que ter a cara, ou as caras, dos que moram nela”.⁵⁷ Ainda poderia ter acrescentado que para uma escola ser boa tem que ter a cara dos educadores e estudantes que estudam nela. Segundo ele, uma lição fundamental de cidadania é entender que “somente cuidamos do espaço público quando os sentimos como uma extensão do nosso próprio espaço”.⁵⁸

Boff afirma acertadamente que a atitude de cuidar deve se transformar em cultura, e isso demanda um processo pedagógico para além da escola formal que atravessa as instituições e faz surgir um novo estado de consciência e de conexão com a Terra e com tudo o que nela existe e vive.⁵⁹ Ainda nesse sentido, dá continuidade a seu raciocínio, defendendo que o oposto do descuido e do descaso é o cuidado. Segundo ele, cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo.⁶⁰

Pedro Demo, no livro *Educação e qualidade*, segue nesse mesmo sentido ao afirmar que a melhor maneira de fazer a modernidade é pela via educativa, ou seja, feita pela competência dos próprios interessados. “Na prática, educação deve ser a prova ostensiva de que conhecimento precisa ser intensamente qualitativo para melhor servir a sociedade”.⁶¹

É nesse sentido que a escola deve assumir o compromisso de refletir sobre sua própria natureza e missão de modo que seja o berçário de uma sociedade mais comprometida com as questões ambientais e sociais do que com seus interesses particulares.

Essa mudança tem que partir dos oprimidos, organizados e em escala local, uma vez que toda mudança começa no lugar até tomar outras dimensões. De acordo com Miranda, “[...] se acreditamos que a escola é o local onde investimos no

⁵⁷ ALVES, Rubem. *Aprendiz de mim: um bairro que virou escola*. Campinas: Papirus, 2004. p. 80.

⁵⁸ ALVES, 2004, p. 36.

⁵⁹ BOFF, 2002, p. 117.

⁶⁰ BOFF, 2002, p. 33.

⁶¹ DEMO, 1994, p. 21.

ser humano como sujeito da própria história e como agente de transformação na sociedade em que vive, damos-lhe uma outra vida”.⁶²

2.2 Avaliação pós-ocupação (APO)

Para avaliar o espaço construído, seja da escola, da residência e do próprio bairro, faz-se necessário trabalhar com um conceito da Arquitetura e Engenharia que conta com a participação dos usuários, numa tentativa de avaliar sua percepção em relação ao espaço em que ocupam, para corrigir possíveis falhas e promover a construção de ambientes menos agressivos.

Segundo Medvedovski, “avaliação sistemática do ambiente construído com a inclusão do usuário nesse processo é denominado Avaliação Pós-Ocupação (APO) e constitui uma subárea de atuação do campo maior das relações meio ambiente/comportamento (environmental/behaviour)”.⁶³

Para discutir a problemática da qualidade, Reis adverte sobre a importância da APO e desempenho ambiental para futuros projetos de edificação, sobretudo, aqueles de projetos repetitivos do tipo habitação popular, postos de saúde, e escolas, com vista à satisfação das comunidades atendidas.⁶⁴

“A qualidade do ambiente na sua subjetividade remete, portanto, à sensação de conforto e bem-estar, algo que não pode ser medido, mas sim sentido de forma diferenciada por indivíduos ou grupos de indivíduos”.⁶⁵ Daí a necessidade de mesclar métodos, técnicas e metodologias, incluindo avaliação qualitativa, numa tentativa necessária de aproximação entre ciências sociais e ciências naturais.

O objeto de pesquisa escolhido para o desenvolvimento desse trabalho foi a escola, que demonstra bem os prejuízos causados por um empreendimento descomprometido com a qualidade ambiental, entendido aqui como o conjunto de

⁶² MIRANDA, Rita de Cássia Jannotti. Orientação educacional: qual o lugar da família? *Revista de Educação AEC*, Brasília, v. 23, n. 93, out./dez. 1994. p. 67.

⁶³ MEDVEDOVSKI, Nirce Saffer. Revisão dos termos e dos conceitos existentes na área de APO. In: ANAIS Workshop Avaliação Pós-Ocupação. São Paulo: ANTAC/NUTAU, 1994. p. 9.

⁶⁴ REIS, Tarcísio A.; LAY, M. C. Dias. Métodos e técnicas para levantamento de campo e análise de dados: questões gerais. In: ANAIS Workshop Avaliação Pós-Ocupação. São Paulo: ANTAC/NUTAU, 1994. p. 28-29.

⁶⁵ CORDEIRO, Rita de Cássia A.; MORAES, Luiz Roberto. S.; BORJA Patrícia C.; SANTANA, Marcos J. A. Qualidade ambiental urbana de Salvador – Bahia: uma avaliação por meio de pesquisa de opinião. In: XI SILUBESA. *Simpósio Luso-Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*. 2004. p. 2.

requisitos indispensáveis ao exercício intelectual e cumprimento dos objetivos a que se propõe a realizar.

As residências dos estudantes também devem ter as condições básicas para que possam desenvolver suas potencialidades, estudar, aprender e viver com dignidade. Nos próximos subtítulos, estarão disponíveis mais alguns resultados dos questionários em que eles avaliaram o lugar em que vivem, sua comunidade e sua residência, tanto em relação à estrutura e ao espaço físico quanto aos aspectos relacionados à família e à qualidade de vida.

Entende-se, nesse trabalho, que as questões sociais, culturais e econômicas devem ser investigadas quando se tratar de educação, de modo que se possa visualizar com mais profundidade o contexto em que vivem os estudantes. Assim, tira-se um “ultra-som” da comunidade pesquisada, a fim de enquadrar a gestão a suas expectativas, aumentando consequentemente a probabilidade de obter êxito nos projetos, nas iniciativas educacionais e nos serviços prestados.

Portanto, agora serão apresentados aspectos relacionados aos espaços comunitário, residencial e familiar dos estudantes que responderam ao questionário e que, por sua vez, revelaram sua intimidade extraclasse, disponibilizando dados relevantes para a compreensão da realidade além da escola.

2.3 Espaço comunitário

Para Pedro Ruedell,

Nenhum homem ou mulher se constrói e se realiza sozinho. Só lhe é possível ser, viver e perfazer-se, agregando-se aos semelhantes, por instinto ou necessidade; melhor, por decisão livre e consciente. Aprimorando sua consciência familiar e social o ser humano progride e a sociedade se edifica e consolida. Em sentido contrário, no isolamento e na reclusa, os indivíduos estagnam e definham e as sociedades regredem e se arruínam.⁶⁶

Entre os estudantes questionados, 95% consideram sua vizinhança boa ou regular e 98,4% avaliaram sua comunidade como boa ou regular também. Sentem-se seguros ou muito seguros em casa 68,3% dos estudantes, embora 80% do total dos estudantes confessassem que conheciam alguma pessoa que usava drogas.

⁶⁶ RUEDELL, Pedro. *Educação religiosa: fundamentos antropológico-culturais da religião segundo Paul Tillich*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 80.

Em relação à problemática das drogas, os comentários foram os seguintes:

- 1) No turno matutino, um dos estudantes assinalou que se sente inseguro, o pai é violento, conhece muita gente que usa drogas, às vezes vê briga em casa, os pais às vezes exageram na bebida. Porém, ainda assim, assinalou que a relação com os familiares é boa e atribuiu a insegurança ao fato de morar em um lugar em que as pessoas usam drogas todas as noites. Outros assinalaram que se sentem pouco seguros por conta também das drogas, brigas e roubos na região em que vivem e por questão de brigas em casa ou na rua em que moram;
- 2) No turno vespertino, um estudante comentou que do jeito que a violência está é difícil se sentir seguro;
- 3) No noturno, uma pessoa afirmou que nenhum lugar é seguro hoje, portanto, sente-se inseguro, e outro que assinalou pouco seguro atribuiu à violência no país de modo geral, assinalou também que os pais sempre exageram na bebida e preferiu não falar em brigas, aspecto questionado nos itens anteriores.

Essa questão deveria ser tema de debate na escola para alertar os estudantes dos prejuízos causados com o uso de drogas e as consequências para a saúde, a moral, as relações pessoais e, sobretudo, para o futuro. Desenvolver esse tipo de atividade faria com que aprendessem a recusar qualquer tipo de proposta relacionada ao uso de substâncias alucinógenas ou entorpecentes.

As drogas causam impactos violentos na reputação, no cérebro, na família, nos amigos e no destino dos usuários. Muitas vezes, são procuradas como uma fuga da realidade e, por serem facilmente comercializadas, encontram um espaço para se infiltrar e dominar a vida de muitas pessoas.⁶⁷ Dessa forma, a droga deve ser encarada como um problema coletivo porque afeta direta ou indiretamente a todos. Ela está diretamente ligada à violência e à criminalidade.

Os adolescentes que não ocupam a mente com coisas saudáveis como ler bons livros, dedicar-se na escola, praticar esportes, aprender instrumentos musicais, envolver-se em projetos de dança, teatro e capoeira, dentre outros, ficam vulneráveis e podem se tornar vítimas das drogas.

O diálogo e acompanhamento da família, bem como dos educadores, é muito importante para evitar que os estudantes em situação de risco caiam nessa armadilha. Tem razão Paschoal Lemme, quando afirma que a “escola, portanto, tem de ser parte da própria sociedade, viver de acordo com o seu ritmo de vida e nunca

⁶⁷ SANDES, André B. *Semeando com sabedoria: o futuro depende de nós*. Camaçari: Do Autor, 2009. p. 67.

ignorar esse ritmo ou ir contra ele, procurando conhecer a vida da sociedade à qual ela prepara os homens”.⁶⁸ Assim, pode cumprir verdadeiramente sua missão.

2.4 Espaço residencial

Nossa casa é um lugar muito especial, onde podemos baixar a guarda e carregar as baterias para nossas atividades cotidianas.⁶⁹ Questões referentes ao espaço residencial dos estudantes também estavam presentes nos questionários, numa tentativa de compreender melhor como eram suas condições de vida e o contexto em que eles estavam inseridos. Os resultados estão disponíveis abaixo e podem proporcionar uma visão panorâmica da vida dos estudantes do CERJA.

Vivem em casa própria 91,7% do total de estudantes que responderam aos questionários, sendo que 61,7% vivem na mesma residência há mais de 10 anos e apenas 21,6% vivem na mesma casa há menos de 3 anos. Esses dados demonstram que eles já construíram uma relação de afetividade com as pessoas que com eles convivem, bem como com o lugar em que residem.

Quando questionados se já tinham morado em outra casa, mesmo que temporariamente, 68,3% deles responderam que sim, o que permitiu que fizessem comparações mais precisas em relação à estrutura da casa em que vivem atualmente. Interessante perceber que houve uma diferença entre os turnos, ou seja, no matutino apenas 50% já tinham morado em outra residência e no noturno esse mesmo índice chegou a 85%. Isso aconteceu pelo fato de muitos estudantes já serem adultos e já não viverem na casa dos pais.

Em relação às condições da casa em que vivem atualmente, os resultados foram equilibrados, sendo que 33,3% dos entrevistados assinalaram que a casa atual é melhor, 31% consideraram de qualidade semelhante à anterior e 35% afirmaram que a casa anterior era melhor. O noturno, mais uma vez, chama a atenção por ser o que demonstrou ter melhorado mais, entre os turnos pesquisados, possivelmente por se tratar dos que já trabalhavam e, conseqüentemente, possuíam maior possibilidade de atender suas necessidades.

⁶⁸ LEMME, 1961, p. 229.

⁶⁹ SANDES, 2009, p. 77.

A pesquisa revelou também que as famílias são compostas, majoritariamente, por 5 a 8 membros. No noturno, 55% dos estudantes assinalaram que vivem em uma residência com até quatro pessoas, o que confirma o fato de terem constituído famílias recentemente.

Consideraram a casa em que vivem espaçosa 70% do total dos questionados, sendo que 20% revelaram que não têm um espaço adequado em casa para estudar. No noturno, o índice foi maior, 25% não dispõem desse espaço. Referente à quantidade de quartos, afirmaram que eram suficientes para os membros da família 80% do total de estudantes. Vale ressaltar que, embora no noturno as famílias sejam menores, 30% revelaram que não tinha quartos suficientes para os moradores, o maior índice dentre os turnos. Isso é um indicativo de que não houve um planejamento do espaço residencial de modo que ficasse compatível com as necessidades da família.

Quanto às condições do banheiro, 91,7% deles consideraram bom ou regular, embora 5% do total afirmaram não ter banheiro na residência, o que demonstra uma triste realidade.

Consideraram bom ou regular o colchão em que dormem 98,4% do total, demonstrando que estão satisfeitos. Sabe-se que uma cama com colchão de boa qualidade é importante para um sono tranquilo e nos faz recuperar as energias para as atividades que serão desenvolvidas no dia seguinte.

O parecer que cada estudante fez de sua própria residência foi bastante relativo. No entanto, nenhum deles considerou sua casa ruim, 58,3% consideram boa e 41,7% do total regular. Quando questionados se convidam amigos para estudar e fazer trabalhos da escola em sua casa o resultado foi o seguinte: no matutino e vespertino, 70% assinalaram que às vezes convidam amigos para estudar e fazer trabalhos da escola em sua casa. No noturno, esse índice diminuiu consideravelmente para 50%, e 45% quase nunca os convida. Isso pode ser justificado por conta de 25% não terem um espaço adequado para estudar na própria residência, conforme demonstram os dados em anexo, e por trabalharem no diurno e frequentarem a escola no noturno, não dispondo de tempo para isso.

Nenhum dos estudantes que responderam ao questionário assinalou que se sentia mal quando eram visitados. Observemos alguns comentários distribuídos por turno:

- 1) Matutino: “Regular, dependendo da pessoa”. “Regular, porque não gosto que invadam o meu espaço por muito tempo”...
- 2) Vespertino: “Regular, porque não tenho um lugar adequado”. Essa pessoa também assinalou que na casa não há banheiro, não há espaço. Portanto, não há lugar para realizar as tarefas solicitadas e que, por essa razão, quase nunca chama ninguém. Outra pessoa assinalou o item regular e afirmou também que quase nunca chama colegas para estudar em casa destacando: “às vezes tenho vergonha de minha casa”...
- 3) Noturno: “Me sinto bem porque eles sabem como eu sou, se vem é porque gostam”. “Regular, porque minha casa é muito pequena”...

Residem muito distante ou distante da escola 81,7% dos estudantes questionados. Nenhum dos que responderam ao questionário mora muito próximo da escola, exceto 10% que estudam no matutino. Vale lembrar, a escola foi construída em um lugar cujo acesso apenas é possível através de uma ladeira de grande declividade.

Por viverem em um município pequeno e que possui uma grande zona rural, muitos estudantes vivem no campo e dependem do transporte coletivo que os traz para estudar diariamente. Dessa forma, utilizam o transporte escolar para se deslocar. Dos 25% do matutino que revelaram viver perto ou muito perto, todos vão caminhando para a escola. É importante destacar que um dos estudantes do vespertino que assinalou que vai caminhando, pontuou também que sua residência é muito distante. No noturno, também um estudante assinalou que vai andando apesar de morar distante.

Solicitados para assinalar os elementos abaixo relacionados, que possuíam em sua residência o resultado foi o seguinte:

	3M	3V	3N	Total
Água encanada	90%	95%	95%	93,3%
Luz elétrica	95%	100%	100%	98,3%
TV	95%	100%	90%	95%
Antena parabólica	40%	65%	50%	51,7%
DVD	70%	95%	90%	85%
Aparelho de CD	85%	80%	75%	80%
Telefone/celular	50%	50%	55%	51,7%
Geladeira	95%	95%	85%	91,7%
Computador	15%	15%	10%	13,3%
Internet	15%	5%	5%	8,3%

Dicionário de Português	95%	95%	90%	93,3%
Dicionário de Inglês	55%	75%	60%	63,3%
Material escolar	95%	95%	95%	95%
Farda completa	90%	90%	80%	86,7%

Nesse quesito, foi possível aprofundar a avaliação das condições socioeconômica e cultural dos estudantes dessa escola que responderam ao questionário, que possivelmente deve representar a totalidade da comunidade estudantil. Esses dados, somados a outros obviamente, ajudam a traçar um perfil, além de possibilitar uma melhor compreensão do desenvolvimento dos estudantes no CERJA, das condições de vida e estrutura que têm à disposição.

Cada elemento questionado nessa tabela está acompanhado de suas respectivas porcentagens que trazem o total por turnos, para visualizar os índices gerais.

Assim, concluiu-se que possuíam água encanada 93,3%, sendo que o turno que apresentou menor acesso à água encanada foi o matutino, com 90% dos estudantes assinalando esse item. Já em relação à luz elétrica, todos do vespertino e do noturno confirmaram possuir esse serviço em sua residência, no entanto, no matutino, 5% assinalaram que não têm acesso.

Possuíam televisores em casa 95% do total de estudantes, sendo que o menor índice por turno nesse quesito foi o noturno, com apenas 90%. Apenas 51,7% do total de estudantes possuem antena parabólica, o que demonstra que ficam limitados a algumas poucas emissoras, geralmente as que trabalham menos com programas educativos, documentários, debates, entre outros programas que contribuem na formação do senso crítico. O menor índice foi o matutino, com apenas 40% dos estudantes revelando que possuíam esse equipamento em casa.

No vespertino, 95% afirmaram possuir aparelho de vídeo ou DVD, e no noturno, 90%. O índice menor foi no matutino, com apenas 70% respondendo que tinham esse aparelho em casa, item importante que permite a seleção e diversificação de filmes para não ficarem submetidos à programação massificadora dos canais de TV convencionais.

Dos entrevistados, 80% possuíam aparelhos de som CD. Com esse aparelho, podem selecionar as músicas que ouvem, não escutando apenas as emissoras de rádio locais e regionais que, geralmente, exploram músicas passageiras que pouco contribuem para o aprimoramento do senso crítico e

desenvolvimento intelectual dos ouvintes. O acesso a aparelhos dessa natureza é menor no noturno, com apenas 75%, e maior no matutino, com 85% de acesso.

Quanto ao telefone, ainda que móvel, o acesso dos estudantes é limitado, apenas 51,7% do total revelaram possuir esse tipo de aparelho. Vale ressaltar que na sede do município de Laje apenas a operadora Vivo funciona e na maior parte da zona rural nem essa operadora funciona, exceto com o auxílio de antenas especiais.

Tanto no matutino quanto no vespertino, 95% do total possuíam geladeira na residência para facilitar o armazenamento e conservação dos alimentos. Porém, no noturno, 15% ainda não tinham geladeira, turno que apresentou o pior índice nesse quesito.

Apenas 13,3% dos estudantes responderam que possuíam computador. No caso da internet é ainda mais grave, apenas no matutino os que tinham computador tinham também internet a sua disposição. Nos demais turnos, somente 5% tinham esse acesso. Vale ressaltar que na escola analisada eles têm acesso a computadores, embora com algumas restrições pela disponibilidade de poucas máquinas em relação à quantidade de estudantes matriculados.

Possuíam dicionário de língua portuguesa para tirar dúvidas e melhorar, conseqüentemente, o vocabulário 93,3% do total dos questionados. Já em relação a dicionário de inglês assinalaram possuí-lo: 55% no matutino, 75% no vespertino e 60% no noturno.

Quando questionados a respeito de materiais escolares (materiais que precisam para estudar como: lápis, borracha, caneta, caderno, régua...) 95% assinalaram que possuíam esses objetos. Já em relação à farda completa (camisa de farda da escola, calças, sapatos e meias) no matutino e vespertino, ambos revelaram que 90% possuíam e no noturno o índice caiu para 80%.

2.5 Espaço familiar

Assim como na escola, um espaço familiar saudável é muito importante para o desenvolvimento integral do estudante. Sem dúvida, a família é o pilar principal de formação da estrutura do indivíduo, estrutura essa que lhes proporciona o equilíbrio necessário para viver bem.

Para Antônio Puhl,

A educação é um processo tão complexo que não pode prescindir da ação de um fator tão essencialmente influente no crescimento e configuração da pessoa como é a família. A família é um âmbito insubstituível de gestão, é um sistema de relações desde a aceitação de nossa singularidade. Na família há afeto, há reconhecimento, há intimidade. E esse processo de personalização exige um clima de acolhida, um clima estimulante para crescer e amadurecer. Só na intimidade da família somos aceitos pelo que somos e não pelo que fazemos ou por nossos resultados.⁷⁰

Sabe-se que esse modelo descrito acima é o ideal. Porém, infelizmente não representa todas as famílias. A ausência de planejamento familiar, gravidez precoce, a falta de maturidade dos pais entre outras questões dificultam o estabelecimento de uma relação saudável no seio das famílias.

Sem a participação ativa da família, sobretudo no que diz respeito à “imposição de limites”, a escola não tem condições de atender às necessidades dos estudantes, que são muitas. Se há dificuldades para educar um ou dois filhos, imaginem centenas de estudantes em uma escola, cada um com referências e costumes diferentes em casa?

No entanto, a escola pode e deve oferecer também um suporte de modo que possa nortear os estudantes. Antonio Puhl afirma acertadamente que “a escola instrui e forma em sintonia com a família, ambas são locais de busca de saber e formação do caráter”.⁷¹

Segundo Moreno, “[...] família é a melhor escola da vida, porque transmite, na intimidade do lar, por contágio, por osmose, ensinamentos, virtudes e valores”.⁷² Esse compromisso da família jamais deve ser transferido para a escola.

Quando questionados a respeito da família, os resultados foram os que seguem. A maioria dos estudantes que reside ainda com pai e mãe são do matutino, sendo que 15% do total vivem apenas com a mãe. No caso do noturno, verifica-se que 40% não vivem mais com nenhum dos pais, provavelmente por terem maior idade, já terem constituído sua própria família e/ou já estarem trabalhando em outros lugares, como já foi mencionado. Os dados também demonstraram que, se 85% no matutino e 70% no vespertino vivem com ambos os pais, não é alto o índice de divórcio entre os pais dos estudantes questionados nesses dois turnos.

⁷⁰ PUHL, Antônio. A família constrói o sucesso. *Revista de Educação AEC*, Brasília, v. 23, n. 93, out./dez. 1994. p. 20.

⁷¹ PUHL, 1994, p. 20.

⁷² MORENO, Ciriaco Izquierdo. *Educar em valores*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 253.

Segundo os resultados, eles também se relacionam bem com os familiares, especialmente os estudantes do vespertino, cujo resultado revelou que 95% têm uma boa relação em casa. No geral, 83,3% dos estudantes têm uma boa relação e nenhum assinalou que tem uma relação ruim. No noturno, considerou a relação boa 75% dos estudantes, sendo o índice menor entre os turnos, o que é contraditório já que a maioria deles já não vive mais com os pais além de serem maiores de idade e, de certa forma, independentes.

Ter uma boa relação em casa é importante para os estudantes. As pessoas que amamos e que estão à nossa volta, compartilhando conosco o mesmo espaço e experiências, merecem uma atenção muito especial, afinal temos muito a aprender com elas também.⁷³

Em relação ao consumo de bebida alcoólica, 50% do total não consomem nenhum tipo de bebida alcoólica, 15% às vezes exageram ou sempre exageram e 35% consomem moderadamente. Uma das pessoas que assinalou que sempre exagera foi do noturno e também destacou que o pai é violento. Esse é outro item que deveria ser objeto de discussão entre o corpo docente, para que sejam criadas estratégias a fim de se combater esse problema. Faz-se necessário discutir com os estudantes os prejuízos na saúde que o álcool pode ocasionar, bem como o prejuízo moral, social e familiar, dentre outros, criando assim espaços de debates para que eles possam expressar suas ideias em relação ao tema. Enfim, seria um tema a ser discutido no futuro próximo. Afinal, que referencial os estudantes têm em casa?

O álcool também é uma espécie de droga, embora não seja encarado como tal. Por esse motivo, é encontrada facilmente em qualquer lugar e horário uma variedade grande de bebidas alcoólicas. O consumo exagerado dessa droga está muito associado à violência doméstica e a brigas com vizinhos.

Dessa forma, assim como as drogas ilícitas, as bebidas alcoólicas causam dependência química e, muitas vezes, as pessoas que dizem beber socialmente se transformam em verdadeiros alcoólatras. O que é mais complicado nesse tipo de situação é que elas não se reconhecem como alcoólatras, por isso, demoram a buscar ajuda.⁷⁴

⁷³ SANDES, 2009, p. 75.

⁷⁴ SANDES, 2009, p. 69.

Assinalaram que têm muitas brigas em casa apenas 3,3% dos estudantes, 56% do total assinalaram que "não", 33,3% "às vezes" e 6,7% preferiram não revelar. No matutino, 60% assinalaram que às vezes têm brigas, índice alto entre os turnos, e apenas 35% assinalou que não. Já no noturno, 20% assinalaram "às vezes", 15% preferiram não comentar e 60% assinalaram que não têm brigas em casa.

Quando questionados sobre a violência, 83,3% assinalaram que nenhum dos pais é violento, 11,7 que o pai é violento, 3,3% que os dois são violentos e 1,7% que a mãe é violenta. No matutino, 20% revelaram que o pai é violento e 5% que os dois são violentos, o maior índice entre os turnos. Um dos casos do matutino que considerou os dois violentos assinalou também que eles bebem moderadamente e que às vezes presencia brigas.

Esse resultado demonstra que a questão da violência doméstica também deveria ser alvo de discussão nessa escola, principalmente nas séries que tiveram índices maiores. Fica subentendido que os estudantes que preferiram não comentar têm dificuldades em tratar do assunto, possivelmente por terem uma relação complicada com os outros membros da família.

Em relação à formação dos pais foi possível visualizar no questionário um quadro lastimável:

- 1) Em relação aos pais, não estudaram ou estudaram apenas até a antiga 4ª série 85% deles, 6,7% conseguiram concluir o Ensino Médio e apenas 1,6% seguiram estudando rumo a Faculdade ou já fazendo um curso superior. Para reforçar: no noturno a situação foi ainda pior porque nenhum deles conseguiu ultrapassar a 4ª série, isso provavelmente deve estar relacionado à democratização do acesso à educação básica que aconteceu somente nos últimos anos, proporcionando que muitas pessoas frequentassem a escola, mesmo que com uma grande distorção idade/série.

Vale lembrar que os estudantes do noturno têm idades mais avançadas e conseqüentemente seus pais não tiveram na época as mesmas oportunidades de estudar do que os pais dos estudantes do diurno que, por sua vez, são mais jovens.

Considerando a dificuldade de uma pessoa que não teve acesso à educação valorizar a leitura e participar ativamente do processo de desenvolvimento escolar dos filhos, acompanhando e orientando, essa questão deve ser objeto de

preocupação do Poder Público que poderia divulgar as políticas públicas para alfabetização de adultos bem como estimular a aproximação desses pais ao mundo das letras.

O turno que apresentou uma situação melhor é o vespertino, com 10% dos pais com o Ensino Médio concluído e 5% cursando faculdade, mesmo que privada ou semipresencial.

2) Entre as mães, a situação é menos crítica, embora ainda esteja muito distante do ideal. Conseguiram concluir o Ensino Médio 8,2% delas e 6,7% cursaram ou estão cursando uma Faculdade. Não estudaram ou estudaram somente até a antiga 4ª série 78,4% das mães, índice alto. Porém, melhor do que a situação dos pais que chegaram a 85% do total. Quanto mais estudarem, mais condições terão de acompanhar os filhos nas tarefas domésticas e de serem tomadas como referência.

Como era de se esperar pelos dados acima mencionados, os pais têm dificuldade de acompanhar e estimular os filhos nos estudos. Ainda assim, 55% dos pais, tanto do matutino quanto do vespertino, perguntam sobre as notas dos filhos. Já no noturno, por motivos que já foram mencionados anteriormente, 40% quase nunca perguntam sobre o rendimento dos filhos. No matutino, 95% assinalaram que sempre ou às vezes os pais perguntam sobre as notas e como eles estão na escola.

Outro dado acima relacionado é em relação à quantidade aproximada de livros que os estudantes têm em sua residência. Revelaram ter menos de 10 livros para pesquisar e aprofundar os assuntos trabalhados pelos professores 63,3%. Marcaram que têm entre 10 e 19 livros 20% e apenas 16,7% têm mais de 20 livros à sua disposição. A situação foi mais grave foi no noturno, talvez pelo fato de estarem ainda equipando a casa em que vivem. No noturno, 80% não têm sequer 10 livros em casa, 10% têm 10 a 19 livros e apenas 10% têm mais de 20 livros em casa. Essa questão é bastante grave e deveria ser discutida na escola para assim estimular a leitura e criar projetos que facilitem o acesso dos estudantes a esses materiais.

Esse é um dos motivos pelos quais os estudantes leem pouco. Quando questionados sobre a quantidade de livros que leem em um ano, responderam que não liam nenhum: 20% no matutino, 10% no vespertino e 25% no noturno; liam até 4 livros: 55% dos estudantes do matutino, 80% do vespertino e 55% do noturno; de 5 a 8 livros: 20% no matutino, 10% no vespertino e 5% no noturno; e mais de 9 livros

em 365 dias: apenas 5% no matutino, nenhum no vespertino e 15% no noturno. Considerando que se trata de turmas do 3º ano do Ensino Médio, o nível de leitura está bem abaixo do ideal, uma vez que a leitura é de fundamental importância para o desenvolvimento educacional dos estudantes.

Como era de se esperar também, quase nunca eram presenteados com livros 45% no matutino, 65% no vespertino e 80% no noturno. Essa realidade, somada ao hábito de não ler, faz agravar ainda mais a possibilidade de não crescerem intelectualmente e melhorarem suas condições de vida. Para completar, apenas 11,6%, sempre compram livros e/ou revistas. Ainda que trabalhando, não costumam investir em materiais para leitura.

Do total de estudantes, 36,7% quase nunca compram materiais para leitura, 51,7% às vezes compram e 11,6%, sempre compram livros e/ou revistas. Esses dados revelam que os estudantes questionados não compram livros ou revistas, principalmente os estudantes do matutino, com 45% assinalando “quase nunca”, índice maior entre os turnos.

Foi demonstrado também no questionário que os estudantes do CERJA geralmente trabalham para ajudar a família. Trabalham “sempre” e “às vezes” 85% dos estudantes tanto do matutino quanto do vespertino. Já no noturno, por serem as turmas mais maduras, essa porcentagem sobe para 90% dos estudantes que precisam ajudar na renda familiar. Dessa forma, poucos são os estudantes que dispõem de tempo para se dedicar exclusivamente aos estudos.

Vale ressaltar que nesse município, como em muitos outros do Nordeste do país, as famílias têm que contar com a ajuda dos filhos (às vezes crianças) para melhorar a renda *per capita* da casa, que geralmente é de baixo poder aquisitivo, sobretudo, nas periferias e na zona rural. Embora todos saibam que as crianças devem estar na escola estudando e desenvolvendo suas potencialidades para que no futuro possam ter oportunidades e uma vida digna, muitos estudantes assumem precocemente responsabilidades de adulto, ainda que contrariando os direitos assegurados por Lei.

Sem estrutura e tendo que trabalhar no turno oposto à escola, como conseguir um bom rendimento? Sem estudar, o problema se perpetua e seus filhos

terão que trabalhar para ajudá-los, possivelmente seus netos terão que trabalhar para ajudar na renda dos seus filhos, e assim sucessivamente.

Quando questionados sobre qual o tipo de atividade que realizam, quase todos responderam que realizam atividades domésticas, principalmente as meninas, atividades no campo, plantando, colhendo e criando animais, e/ou na indústria rural, geralmente na produção de farinha (em “Casas de Farinha”). Alguns também destacaram que trabalhavam em bares, restaurantes, lanchonetes e como domésticas.

Esse tema também deveria ser discutido na escola para sensibilizar os estudantes, de forma a perceber a necessidade de se estudar mais.

2.5.1 Alimentação

Os estudantes avaliaram o café da manhã que tomam da seguinte forma: responderam que tomavam um café da manhã bom 25% e razoável 73,3%, demonstrando obviamente que poderia ser melhor. No matutino e vespertino, ninguém assinalou que o café da manhã é ruim, já no noturno, 5% responderam que não têm acesso a uma alimentação no mínimo razoável.

Um café da manhã reforçado é de fundamental importância para oferecer a energia que será utilizada durante o dia. Vale ressaltar que alguns desses conceitos são relativos e questionáveis. Porém, a questão é se atendem ou não às necessidades e expectativas dos estudantes.

Já em relação ao almoço, pode-se afirmar que nenhum estudante considerou ruim e que 43% do total avaliaram como bom, considerando que têm variedade de alimentos e 56,7% consideraram regular. Embora esses dados demonstrem que o almoço é melhor do que o café da manhã, ainda revelam que está distante de ser bom para a maioria dos estudantes.

Diferente do Ensino Fundamental, no Ensino Médio não foi oferecida a merenda escolar. Dessa forma, muitos estudantes compravam lanches na cantina da escola. Em relação à compra de lanches, esses dados revelam que 95% dos estudantes do matutino compram lanches, 70% no vespertino e 75% no noturno.

Relembre-se que o café da manhã e o almoço desses estudantes estão mais próximos do regular do que do bom. Alimentar-se na escola seria de grande

importância, sobretudo porque muitos estudantes têm que se deslocar por algumas horas até sua residência para fazer uma refeição. O estômago vazio pode ser um fator limitador, pois interfere na realização das tarefas recomendadas pelos educadores.

Embora 80% afirmem que compram o lanche vendido na escola, 41,7% do total dos questionados responderam que não gostam dos lanches, principalmente os estudantes do matutino que são os que mais os consomem.

Nos turnos matutino e vespertino, todos consideraram a merenda escolar importante, embora não seja oferecida como já foi mencionado anteriormente. Apenas 10% do noturno não consideraram importante a merenda escolar. Abaixo, seguem alguns comentários em relação a essa questão:

- 1) Matutino: “Estudar com fome perdemos a concentração”. “Porque tem muitos alunos que moram longe e não têm condições de comprar lanche”. “É uma forma de ajudar os estudantes que precisam”...
- 2) Vespertino: “Nem todos têm dinheiro para comprar o lanche”. “Ajuda para melhorar o desempenho dos alunos”. “Com a barriga cheia o pensamento melhora”...
- 3) Noturno: “Não, porque a maioria das pessoas só vai por causa da merenda”. “Muitas pessoas não têm condições de comprar lanche”. “Porque quando estamos bem alimentados pensamos melhor”. “Sim, porque às vezes muitos saem sem jantar.” “Com a barriga pura a mente não funciona”...

Como demonstrado nesse capítulo, os resultados da pesquisa etnográfica possibilitam conhecer com mais profundidade a realidade dos estudantes, tanto na escola quanto na comunidade em que vivem. Portanto, esses dados serão de grande utilidade para nortear a gestão educacional, de modo que gestores e educadores possam traçar planos e metas para melhor cuidar dos futuros egressos e, conseqüentemente, proporcionar, cada vez mais, melhores condições para o desenvolvimento de potencialidades na escola.

No capítulo seguinte, serão apresentados os múltiplos desafios e possibilidades de uma escola, bem como o ritual de despedida que acontece no Ensino Médio e as perspectivas dos concluintes para com o futuro.

3 CUIDADOS DA GESTÃO EDUCACIONAL COM SEUS FUTUROS EGRESSOS

Gerir uma escola é um desafio muito grande, sobretudo porque envolve muitas questões e variáveis que repercutem diretamente na qualidade das atividades desenvolvidas. Diante dessa complexidade, o compromisso coletivo em oferecer melhores serviços aos estudantes é requisito fundamental para a obtenção do sucesso na difícil tarefa de educar. Gestão educacional e escolar são pilares fundamentais para o desenvolvimento de um trabalho coletivo de melhor qualidade, fundamentado nos princípios de autonomia, flexibilidade e pesquisa. A deterioração da qualidade da escola pública e os altos índices de repetência, evasão e baixo rendimento são indicativos da necessidade de se repensar o espaço escolar, o modelo de gestão e buscar alternativas para minimizar seus problemas.

Segundo Gadotti,

No contexto atual, podemos identificar e confrontar duas concepções opostas de profissão docente: a concepção neoliberal e a concepção emancipadora. A primeira, amplamente dominante hoje, concebe o professor como um profissional lecionador, avaliado individualmente e isolado na profissão (visão individualista); a segunda considera o docente como um profissional do sentido, um organizador da aprendizagem (visão social), uma liderança, um sujeito político.⁷⁵

Para Freire, “[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”.⁷⁶

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 9394/96, destaca três aspectos a serem considerados: descentralização administrativa, participação da sociedade civil e autonomia crescente dos sistemas e das escolas públicas, para tentar melhorar o atendimento aos estudantes.

Escola é o lugar de experiências e encontros entre Estado, educadores, sociedade, família e estudantes. Assim, a gestão escolar envolve aspectos financeiros, administrativos, pedagógicos e muitas outras questões que fazem parte do seu cotidiano. Dessa forma, a gestão ultrapassa o âmbito escolar porque está ligada a um sistema complexo que, algumas vezes, envolve interesses distintos.

⁷⁵ GADOTTI, 2003, p. 26.

⁷⁶ FREIRE, 1999, p. 29.

As secretarias municipais e estaduais de educação devem criar condições, garantir apoio e recursos às escolas para viabilizar seus projetos. Para tanto, os educadores devem estar engajados e dispostos a exigir as condições necessárias para atender bem e cada vez melhor os estudantes que estão sob suas responsabilidades.

É possível perceber claramente que os recursos públicos disponibilizados, geralmente são insuficientes, obrigando as escolas a pensar alternativas como solicitar colaboração financeira dos estudantes, através de arrecadação de fundos como bingos, festas, rifas, balaio junino, etc. para tentar suprir o déficit de recursos.

É verdade que a oferta de vagas, o acesso e o atendimento em escolas foram ampliadas nas últimas décadas. No entanto, houve uma queda progressiva na qualidade dos serviços prestados. Para a melhoria dessa situação, a escola deve ser colocada no centro das prioridades e receber apoio para cumprir sua proposta de educar, jamais ser abandonada, sem recursos e perspectivas, como geralmente acontece.

A adequação e reforma de prédios, aquisição de equipamentos e imobiliário, formação continuada de professores, entre outros condicionantes que implicam na qualidade da educação, devem fazer parte das Políticas Públicas e das metas governamentais, além da melhoria da remuneração dos educadores que se encontram com salários defasados.

A problemática da educação e de sua gestão deve ser considerada em suas múltiplas dimensões, não se limitando apenas à aprovação ou reprovação, porque está relacionada ao modelo de sociedade que se pretende construir.

Dessa forma, gerir não pode ser confundido mais com chefiar ou mandar, deve estar focado, sobretudo, em levar o estudante a se interessar pelo espaço que ocupa e participar das decisões que influenciam diretamente em sua vida. Um desafio a ser encarado pelos gestores e funcionários de uma escola é transcender limites curriculares e desenvolver projetos interdisciplinares que levem em consideração as múltiplas inteligências e as particularidades de cada comunidade escolar.

Segundo Heloísa Lück, “[...] a gestão está associada ao fortalecimento das idéias de democratização do processo pedagógico, entendida como participação de todos nas decisões e na sua efetivação”.⁷⁷

Uma educação que se propõe a ajudar na formação do cidadão, capaz de conhecer e transformar sua realidade social e existencial, marcada pela complexidade e globalidade, mostra necessidade de adotar o paradigma da interdisciplinaridade.⁷⁸

A gestão educacional deve estar fundamentada no diálogo, na participação, na pesquisa, no planejamento e no compromisso com a sociedade que se quer construir. Hoje o contexto é o próprio mundo globalizado. Para Gadotti, o professor precisa hoje adequar sua função, ensinar, educar no mundo globalizado, até para transformar profundamente o modelo de globalização dominante, essencialmente perverso e excludente.⁷⁹

Por acompanhar crianças e jovens durante muitos anos, esse lugar extrapola o mero objetivo de estender conhecimentos, passando a ser o epicentro de um novo paradigma. Para tanto, os educadores devem assumir os riscos e estar cientes de seus compromissos e do poder que exercem, para que possam coletivamente contribuir nesse processo de mudança.

Em nome do respeito que devo aos meus alunos não tenho por que me omitir, por que ocultar minha opção política, assumindo uma neutralidade que não existe. Esta, a omissão do professor em nome do respeito ao aluno, talvez seja a melhor maneira de desrespeitá-lo. O meu papel, ao contrário, é o de quem testemunha o direito de comparar, de escolher, de romper, de decidir e estimular a assunção deste direito por parte dos educandos.⁸⁰

Gadotti demonstrou concordar com essa ideia quando escreveu que o educador tem um potencial revolucionário que outras profissões não têm, que é uma profissão voltada para a emancipação das pessoas e que tem, por sua vez, uma grande capacidade para gerar a transformação.⁸¹

No entanto, é importante a organização e contribuição também:

⁷⁷ LÜCK, Heloísa. A dimensão participativa da gestão escolar. *Gestão em rede*, Brasília, n. 9, ago. 1998. p. 13-17.

⁷⁸ LÜCK, 1994, p. 56.

⁷⁹ GADOTTI, 2003, p. 21.

⁸⁰ FREIRE, 1999, p. 79.

⁸¹ GADOTTI, 2003, p. 23.

- Do Grêmio Estudantil, que tem como objetivo principal promover uma maior integração entre os membros da comunidade escolar, além de dar visibilidade a seus interesses através de discussões, debates e movimentos. Além de ser um grande exercício de participação, desenvolve o senso crítico e ajuda a garantir a democratização no ambiente escolar, à medida que aumenta a participação das decisões, garantindo assim uma postura ativa junto aos gestores, pais, funcionários e educadores;
- Do Conselho de Pais, que, além de aproximar a família da escola, ajuda na tomada de decisões, elaboração de projetos, melhoria das condições de trabalho, processo de aprendizagem e nas relações entre os membros da escola. Assim, com o Grêmio Estudantil, a participação dos pais ou responsáveis é de grande importância para o desenvolvimento de uma educação de qualidade. As críticas, sugestões e contribuições, apesar de provocarem certa turbulência, agregam ideias e energias que proporcionam um crescimento coletivo ao grupo.

Embora muitos pais participem da rotina agitada das escolas, um diálogo permanente, franco e aberto proporciona uma sintonia entre a educação doméstica e a educação escolar, de modo que, em parceria, eduquem melhor os jovens estudantes.

Participar das reuniões e das decisões internas estimula e fortalece uma gestão participativa, na qual os agentes envolvidos no processo educativo criam laços e somam esforços para a consolidação de uma educação de qualidade. Fazer com que haja interação entre família e escola é outro grande desafio para gestores e educadores.

- Do Conselho Escolar, que é formado por pessoas envolvidas e interessadas em sugerir ações e metas a serem alcançadas no futuro, assegurando a participação ativa de todos os envolvidos nas decisões importantes da escola.

Através de reuniões, distribuídas ao longo do ano, os membros debatem temas de interesse coletivo, acompanhando e auxiliando o trabalho administrativo e docente, discutem o projeto pedagógico, fazendo o levantamento das prioridades e aplicação séria de recursos, de modo que mantenha e conserve os patrimônios físicos da escola.

Com o desenrolar de suas ações e conseguinte responsabilidade e respaldo, o Conselho pode evoluir para o colegiado e assim passa a exercer uma ação mais direta e cidadã. Colegiado é um órgão composto por gestores, educadores, servidores, estudantes e seus respectivos responsáveis e por representantes da comunidade. Ele tem como objetivo fiscalizar e colaborar no que se refere às

questões pedagógicas, administrativas, bem como à participação na solução de problemas através de diálogo, ou seja, inibindo práticas abusivas e autoritárias. Dessa forma, o colegiado é um veículo importante de participação coletiva em todas as instâncias.

A ausência de um desses pilares pode sobrecarregar o outro e dificultar a construção de uma escola de melhor qualidade.

O Brasil, infelizmente, está distante de colocar a educação no topo das prioridades, isso porque aqueles que estiveram no poder, até então, não quiseram ver seus privilégios ameaçados. Um governo que tem um posicionamento tímido e nenhum compromisso com o setor mais importante de um país, que é a educação, logicamente fica à vontade no poder, uma vez que um país de analfabetos políticos e de caricaturas de cidadãos é muito mais fácil manipular, enganar, desviar dinheiro público e manter seus privilégios com políticas assistencialistas e clientelistas descomprometidas com a raiz dos problemas.

Para fazer frente a essa situação, faz-se necessário, mais do que nunca, uma postura transformadora. Para Demo, essa postura transformadora deve ser também prática. A esse respeito afirma: “revolução é sempre cabível, mas não em teoria, na sala de aula pode-se dizer tudo, do modo mais radical imaginável, porque nada acontece. A crítica sem prática coerente faz a mesma função do pão e circo”.⁸²

O maior patrimônio de um país é seu povo e, enquanto as crianças e jovens forem abandonados, estarão condenados ao subdesenvolvimento e à marginalidade em relação às potências centrais que também têm suas políticas internacionais de continuar explorando os países periféricos e progredindo às suas custas.⁸³

Uma mudança nesse cenário não será jamais concedida, mas conquistada através de mudança de atitude em relação ao que é público, valorização da educação e exigência de direitos que são negados, uma vez que a cidadania não deve se restringir à tecla verde do confirma das urnas eletrônicas presentes nas eleições. “Daí a relevância da política, isto é, da arte de pensar mudanças e de criar as condições para torná-las efetivas”.⁸⁴

De acordo com Gadotti,

⁸² DEMO, 1999, p. 84.

⁸³ SANDES, 2009, p. 36.

⁸⁴ SANTOS, 2001, p. 14.

Creio que é na luta cotidiana, no dia a dia, mudando passo a passo, que a quantidade de pequenas mudanças, numa certa direção, oferece a possibilidade de operar a grande mudança. Ela poderá acontecer como resultado de um esforço contínuo, solidário, paciente.⁸⁵

Dessa forma, uma educação de qualidade apenas será viabilizada quando a população consciente e politizada exigir uma educação pública decente e contribuir efetivamente para sua melhoria. Essa melhoria não será meteórica como esperam os mais ansiosos. No entanto, acontecerá de forma processual e contínua, com pequenas ações que, somadas a outras, darão corpo e vida a esse sonho coletivo de viver em uma sociedade mais justa.

Para Milton Santos, “ficar prisioneiro do presente ou do passado é a melhor maneira para não fazer aquele passo adiante, sem o qual nenhum povo se encontra com o futuro”.⁸⁶

3.1 Espaço escolar

A escola é um dos espaços mais nobres que a humanidade conseguiu produzir em toda sua história, onde o cidadão é despertado, adquire valores morais, desenvolve potencialidades, apropria-se e constrói conhecimento e, sobretudo, é o lugar em que se começa a perceber que o espaço geográfico e a história são construídos gradativamente, através do trabalho cotidiano.

Percebida pela ótica dos estudantes, a escola é um lugar muito especial devido aos laços afetivos que se estabelecem na convivência diária com pessoas que marcam profundamente suas vidas. Dessa forma, merece ser tratada com mais seriedade e respeito.

Na conclusão do Ensino Médio, era possível ver claramente, estampado no rosto dos estudantes, um sorriso que demonstrava felicidade e satisfação de estarem concluindo essa etapa. Em contrapartida, demonstram também ansiedade e insegurança por estar se desligando da velha rotina, das pessoas que estavam acostumados, do lugar que “dominavam”, além de terem que enfrentar o competitivo mercado de trabalho.

⁸⁵ GADOTTI, 2003, p. 26-27.

⁸⁶ SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. 5. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2000. p. 133.

Percebida dessa forma, a escola pode ser associada a um casulo, a um mangue, a uma cozinha e a uma academia.

3.1.1 Escola: um casulo coletivo

Escola pode ser associada a um grande casulo. Casulo é uma casinha, toda fechada, que a lagarta faz para passar um tempo, num processo de metamorfose, onde desenvolve as asas e se transforma em uma bela borboleta, daquelas coloridas que enfeitam os jardins mais floridos e que chama a atenção pela leveza de seu voo.

Pensar a escola como casulo é entender que os estudantes passam por esse processo de metamorfose: entram pequeninos e fazem as séries iniciais até o fim do Ensino Médio, quando rompem esse casulo e têm que voar com as asas que conseguiram construir.

Essas asas são formadas de uma matéria prima tão tênue que, muitas vezes, os estudantes nem se dão conta de que ela está formada, que suportará o peso de seu corpo e os fará decolar e conquistar novos horizontes. Essa matéria prima é o conhecimento que é adquirido todos os dias, não apenas na escola, mas principalmente nela. Nesse casulo, passa-se cerca de doze anos agregando conhecimento e construindo asas.

Fascinante é que esse casulo não é fechado, os educandos podem sair e conhecer outros lugares: retornar para casa, frequentar igrejas, clubes, visitar teatros, cinemas... O casulo também não é individual, é coletivo, pode-se ensinar e aprender com colegas, ser ajudado e ajudar a construir asas, fazer reparos, costurar e reforçar para que eles possam voar mais alto, mais rápido e com mais segurança. Alguns deles continuarão voando juntos por toda a vida.

Estudantes que desperdiçam essa oportunidade podem ser comparados a borboletas de asas atrofiadas, quebradas e frágeis, que não conseguem voar, não têm uma visão panorâmica do jardim inteiro e da dimensão de sua beleza. Por isso, estarão condenadas a passar a vida rastejando no solo, serão presas fáceis para o mercado neoliberal, que se aproveitará da ignorância, do despreparo e da força de trabalho para lhes escravizar ou explorar.

3.1.2 Escola: um verdadeiro mangue

Outra relação que se pode fazer é entre a escola e um mangue. Mangue, no sentido de complexidade, de diversidade, de oportunidade, de desenvolvimento, de proteção e de berçário da vida.

O mangue, ou manguezal, é um ecossistema costeiro de transição entre o ambiente terrestre e marítimo. A riqueza biológica do mangue demonstra que é um verdadeiro “berçário natural”, que protege e alimenta pequenas espécies que, à medida que vão crescendo, migram para o mar.

A escola também é um lugar de transição entre a infância/adolescência e a idade adulta, entre a vida de estudante e a de profissional, algumas vezes, até entre a vida de filhos e a vida de pais. Dessa forma, tem a nobre missão de preparar, ou melhor, de oferecer condições para que os estudantes se preparem para a vida adulta, para exercerem uma profissão com responsabilidade e competência e para assumirem e constituírem uma família, se esse for um desejo, obviamente.

Associar a escola a um mangue é reconhecer que nesse lugar os estudantes estão, de certa forma, protegidos e em condições de se preparar para o futuro. A vida no mar aberto (fora do aconchego da escola) é diferente, eles terão que tomar decisões, aprender a driblar as armadilhas, aprender a trabalhar e estudar, organizar o tempo que parecerá cada vez mais curto, aprender a lidar com dinheiro, fugir das redes e dos anzóis. Também ter cuidado com os tubarões que são os proprietários dos meios de produção, os empresários que, para aumentar seus patrimônios, exploram a força de trabalho dos funcionários ao limite, os “representantes do povo” que deveriam cuidar do patrimônio público e dos interesses coletivos, mas que geralmente colocam seus interesses particulares à frente.

De acordo com Demo,

A educação é a política social mais próxima da gestação do sujeito capaz de história própria, porque pode motivar o surgimento da consciência crítica e autocrítica, permanecendo como impulso fundamental do saber pensar e do aprender a aprender [...] capaz de fazer a mudança acontecer.⁸⁷

⁸⁷ DEMO, Pedro. *Educação pelo avesso: assistência como direito e como problema*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 41.

3.1.3 Escola: uma cozinha repleta de possibilidades e sabores

Não é muito comum a escola ser associada a uma cozinha, no sentido de proporcionar gostosuras através das inúmeras possibilidades de misturas.

Na escola, recebe-se muitas vezes o prato pronto, que é a matriz curricular. Esse prato que é oferecido aos estudantes diariamente é também compartimentado em disciplinas, há horas predeterminadas para estudar cada matéria e elas também são divididas por unidades e por assunto. É tudo muito mecânico, como se tivesse que comer separadamente no almoço uma porção de feijão, depois uma porção de abóbora, depois somente alface, depois macarrão, depois somente arroz e em seguida carne... Essa ordem também não pode ser escolhida, tem que comer na ordem que vier, na ordem que os cozinheiros determinaram.

Realmente não tem muito sabor, porque o gostoso é poder escolher e misturar, conforme o sabor que melhor agrade o paladar dos estudantes. É inventar formas e experimentar as inúmeras possibilidades que estão disponíveis, num exercício interdisciplinar que envolva todos os educadores.

Dessa forma, pode-se agregar saberes de diferentes áreas do conhecimento, num gostoso ir e vir, e esses ingredientes misturados darão origem a um saboroso bolo, um bolo de conhecimento. A busca de novos ingredientes e receitas faz despertar o Mestre Cuca que existe em cada estudante.

3.1.4 Escola: uma academia para o cérebro

A escola também pode ser percebida como uma academia. Quanto mais o estudante lê, pesquisa, faz atividades, trabalhos e apresentações bem elaboradas, tanto mais estará exercitando seu cérebro. Pessoas que estudam muito têm o cérebro “malhado” e preparado para aprender cada vez mais.

Quem não adquiriu o hábito da leitura, cansa nas primeiras páginas de um livro, tem dificuldade de ler, entender o que leu e de fazer relações com outras coisas que já aprendeu. Assim como uma pessoa que faz caminhada constantemente e que corre algumas vezes por semana tem menos, ou nenhuma, dificuldade de correr, porque adquiriu resistência, com disciplina e dedicação.

Outro desafio aos educadores é fazer com que os estudantes se dediquem à leitura de modo que mantenham o cérebro preparado.

3.2 Espaço de cuidado com a juventude

Tomando como referência as perspectivas relacionadas à escola nesse capítulo, é importante também destacar que a escola é, sem dúvida, um espaço de cuidado, e para realizar com qualidade essa tarefa de cuidar, deve estar em sintonia com a família, igrejas, organizações... Enfim, com toda a sociedade. O que seria um educador se não um crente, que rema forte na direção contrária da negligência, do descuido e do descaso?

Na concepção de Freire, cada vez mais se deve sentir:

De um lado, a necessidade de uma educação que não descuidasse da vocação ontológica do homem, a de ser sujeito, e, por outro, de não descuidar das condições peculiares de nossa sociedade em transição, intensamente mutável e contraditória. Educação que tratasse de ajudar o homem brasileiro em sua emersão e o inserisse criticamente no seu processo histórico. Educação que por isso mesmo libertasse pela conscientização. Não aquela educação que domestica e acomoda.⁸⁸

Nesse sentido, a ternura é outro ingrediente indispensável à educação. Para Leonardo Boff, a ternura é o afeto que devotamos às pessoas e o cuidado que aplicamos às situações existenciais.⁸⁹ A ternura é o cuidado sem obsessão: inclui também o trabalho, não como mera produção utilitária, mas como obra que expressa a criatividade e a autorrealização da pessoa.

Através da pesquisa geográfica é possível conhecer com mais profundidade uma determinada comunidade, compreender o contexto em que estão inseridos, quais seus anseios, expectativas e carências para poder cuidar melhor. À medida que cuidamos das pessoas, envolvemo-nos afetivamente e passamos a conhecê-las mais, numa relação interessante entre observação e cuidado, que nos conduz a uma relação melhor, ou seja, entre sujeitos.

Na pesquisa realizada no CERJA, do total de estudantes questionados, 98,4% assinalaram que gostam de estudar na escola analisada, ou seja, apenas um estudante (do matutino) assinalou que não gosta. Observemos as justificativas:

⁸⁸ FREIRE, 1979, p. 66.

⁸⁹ BOFF, 2002, p. 118.

- 1) Matutino: O estudante que assinalou “não” justificou que é por conta do trajeto, os demais que responderam “sim” justificaram: “Sim, principalmente pela estrutura da escola e pela competência da equipe de professores”. “É uma escola de primeira”. “Me identifico com professores, alunos e direção”. “Tem boa estrutura e é um espaço agradável”. “Os professores são legais e o ensino é ótimo”...
- 2) Vespertino: “Os professores são maravilhosos”. “Tem uma estrutura boa e o ensino é ótimo”. “Tem professores de qualidade”. “Pois os professores fazem de tudo para dar o melhor”...
- 3) Noturno: “As pessoas que trabalham nessa escola são responsáveis assim como os alunos”. “Me sinto à vontade com meus colegas e professores”. “Porque foi nela que aprendi a confiar mais em mim”. “Porque tem uma nova estrutura”. “Porque os professores gostam de estudar e ensinar”.

A grande maioria atribuiu aos educadores o fato de gostar de estudar no CERJA, o que demonstra que nessa unidade escolar tem uma equipe comprometida com o trabalho que desenvolvem e esse reconhecimento é, certamente, fruto de um trabalho sério. O cuidado com a satisfação dos estudantes é um diferencial muito importante.

Esse resultado demonstra que, apesar dos problemas, a maioria gostava da escola por motivos variados. Em muitos casos, associam esse lugar às pessoas que o ocupam, como colegas, educadores e funcionários com quem desenvolveram laços afetivos sólidos que os fazem se sentirem acolhidos.

Todos os estudantes questionados também consideram estudar importante, embora nem todos pretendessem prestar o vestibular e dar continuidade aos estudos. Pretendiam fazer o vestibular 85% no matutino, 75% no vespertino e apenas 45% no noturno. Esses dados revelam que muitos estudantes, especialmente do noturno, vão ficar apenas na conclusão do Ensino Médio.

Abaixo estão alguns dos comentários que escreveram em relação à continuidade nos estudos:

- 1) Matutino: “Sim, porque se quero ser alguém na vida, ter uma vida melhor que a dos meus pais tenho que estudar”. “Pois o nosso futuro é o estudo que dirá, a escolha é nossa. O estudo é a porta de entrada para o sucesso”. “Para ser alguém na vida”. “Porque o conhecimento adquirido, mais para frente irá abrir vários caminhos”...
- 2) Vespertino: “Porque o nosso futuro depende do conhecimento que adquirimos com o estudo, que é para termos uma vida mais digna”. “Porque temos que estudar e batalhar para sermos alguém no futuro, nem que seja para nossos filhos e neto, deixando para eles um mundo melhor”. “Porque só estudando que podemos ser alguém na vida, pois é com ele que temos chance de possuir um

bom trabalho”. “O estudo é a ponte que liga a pobreza à riqueza”. “Porque o estudo é tudo, se você não estudar não consegue nada”...

- 3) Noturno: “Porque é com o estudo que se consegue ser alguém na vida”. “Porque irá me proporcionar um futuro melhor que o daquelas pessoas que não tiveram essa oportunidade”. “Porque para se ter um futuro promissor depende de estudo”. “Porque a gente fica atualizado sobre tudo que acontece no dia a dia”...

Quando questionados sobre o porquê dos estudos, muitos escreveram que estudar era importante “para ser alguém na vida”, o que demonstra que não se consideram alguém. Deve-se trabalhar na escola o resgate da autoestima, para que eles se sintam capazes de evoluir e merecedores do sucesso. Dessa forma, poderão estudar com mais afinco.

Outro desafio a ser encarado com carinho é o resgate da dimensão espiritual, independente das particularidades culturais e religiosas. Para Boff, cuidar da espiritualidade e do espírito é fundamental nessa nova caminhada.⁹⁰ Cuidar do espírito significa cuidar dos valores que dão rumo à nossa vida e das significações que geram esperança para além de nossa morte. Cuidar do espírito implica colocar os compromissos éticos acima dos interesses pessoais ou coletivos.

Diante desses desafios, cabe aos educadores e gestores repensar sua escala de valores, convidar os educandos a se envolver nesse processo de mudança de paradigma e juntos buscar alternativas para uma tomada de consciência coletiva rumo a uma sociedade mais igualitária e plena em todos os sentidos, uma sociedade acolhedora e cuidadosa.

Acolhidos e bem cuidados na escola, passam a entender o cuidado como condição fundamental para a consolidação de uma sociedade melhor em todos os sentidos. Gadotti já consegue ver essa nova escola sendo construída na resistência concreta de muitos educadores, gestores, estudantes e pais.⁹¹ Escola que as crianças estão sentindo prazer em frequentar e estudar. Para ele, essa escola não será abandonada porque ninguém abandona o que é seu e o que gosta.

3.2.1 Perspectivas para o futuro

A pesquisa realizada com estudantes do 3º ano do CERJA revelou também que a grande maioria dos estudantes que responderam ao questionário se encontra

⁹⁰ BOFF, 2002, p. 151.

⁹¹ GADOTTI, 2003, p. 69.

regularmente matriculada na idade correspondente à série, sobretudo, no matutino com 65% entre 16 e 17 anos de idade. Por outro lado, há uma distorção grande no noturno, que atende majoritariamente estudantes que não frequentaram aulas no período regular.

Dos questionados, 90% afirmaram que se sentem preparados para estar no 3º ano e nenhum se sente despreparado. Vale salientar que o conceito de preparo é relativo e subjetivo.

A grande maioria dos concluintes demonstrou querer dar continuidade aos estudos ingressando em uma Faculdade. É importante ressaltar que no período noturno, 45% assinalaram a opção “sim” e o restante, 55% marcaram a opção “talvez”. É válido lembrar que, nesse turno específico, a distorção idade/série é bem maior que nos demais e que muitos deles já trabalham e já constituíram família, portanto, têm outras prioridades.

O acesso a uma Faculdade é de fundamental importância para o futuro dos estudantes e esse sonho deve ser alimentado para que possa se tornar realidade.

3.3 Espaço de transição

O Ensino Médio, mais especificamente as turmas do 3º ano, representa um processo de transição na vida dos estudantes, transição da adolescência para a idade adulta, de estudante para profissional e até de filhos para pais, como já foi mencionado anteriormente.

Em uma pesquisa realizada em 2006 numa das escolas municipais de Ensino Fundamental em Laje, quando questionados a respeito de gostar de estudar na escola, 75% do total dos estudantes do 9º ano revelaram que sim, apesar de todas as carências em relação ao espaço físico e materiais didáticos.⁹² Esse indicador de topofilia, ou seja, “um elo afetivo entre a pessoa e o lugar que vive”,⁹³ reforça a ideia do grande educador brasileiro Paulo Freire. Ele nos afirma em um dos seus escritos que escola é o lugar onde se faz amigos, que não se trata apenas

⁹² SANDES, André B. *Qualidade ambiental na escola Eufrosina Almeida – Laje - Bahia: uma avaliação por mais de pesquisa de opinião*. Salvador: MEAU/UFBA, 2006. p. 5.

⁹³ TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo de percepção, atividades e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980. p. 7.

de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos...⁹⁴ E finaliza acrescentando que escola é, sobretudo, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima, ou seja, é onde se constrói amizades e se estabelece relações afetivas entre os ocupantes.

Certamente, o que os fazia gostarem de estudar na escola pesquisada, apesar dos problemas, era justamente o fato da “experiência”. Dessa forma, foi possível compreender a ansiedade dos concluintes do 9º ano, que teriam que enfrentar e se adaptar em um espaço diferente do que estavam acostumados, o que certamente aconteceu, à medida que começaram a estabelecer um elo de afetividade entre o espaço e as pessoas com as quais passaram a conviver. Quando isso acontece, a nova escola passa a ser um lugar que eles sentem prazer em frequentar.

No 3º ano do Ensino Médio, acontece novamente outro rito, um novo rito de despedida que gera ansiedade, sentimento de perda e crise, agora em outro nível, cuja agregação em outro espaço é uma incógnita.

A cerimônia de “formatura”, aqui entendida como ritual de despedida, é planejada e realizada para desejar boa sorte aos estudantes concluintes do 3º ano de Formação Geral.⁹⁵ Por esse motivo, é esperada com ansiedade, uma vez que se trata de um momento singular na vida de cada um deles, afinal estão se separando do espaço que os acolheu por, pelo menos, três anos, tempo mínimo para conclusão do Ensino Médio.

Roberto DaMata, na apresentação do livro de Van Gennepe, afirma acertadamente que, o rito “sugere e insinua a esperança de todos os homens na sua inesgotável vontade de passar e ficar, de esconder e mostrar, de controlar e libertar, nesta constante transformação do mundo e de si mesmo que está inscrita no verbo viver em sociedade”.⁹⁶

⁹⁴ FREIRE, Paulo. Escola. *Revista da FAEEBA*, ano 6, n. 7, p. 9-32, jan./jun. 1997. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/obras/artigos/6.html>>. Vários acessos.

⁹⁵ SANDES, André B. Ritual de despedida do Colégio Ruy Jose de Almeida – Laje/Bahia. *Anais do Simpósio do Mestrado Profissional em Teologia*. São Leopoldo: EST, v. 2, 2010. p. 41-51.

⁹⁶ DAMATTA, Roberto. Apresentação. In: VAN GENNEPE, A. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 11.

Para Adriane Rodolpho, “através da repetição e da formalidade, elaboradas e determinadas pelos grupos sociais, os rituais demonstram a ordem e a promessa de continuidade destes mesmos grupos”.⁹⁷

A proposta de comemorar essa nova etapa de mudança na vida dos estudantes com uma cerimônia de despedida é para promover uma separação mais tranquila, para que eles possam se sentir acolhidos, seguros e confiantes para superar os obstáculos que os esperam. Esse procedimento alimenta a ideia de uma boa adaptação no ritmo do novo espaço que os acolherá, seja na Universidade, seja no mercado de trabalho ou em ambos.

Por outro lado, essa ruptura com a escola, colegas e professores é muito importante porque implica em ampliação do círculo de amizade e visão de mundo, no conhecimento de outros contextos sociais e na própria construção de identidade.

Dada a importância dos ritos, Van Gennep acredita ser legítimo distinguir uma categoria especial de “ritos de passagem”, que se decompõem, quando submetidos à análise, em ritos preliminares (separação), liminares (margem) e pós-liminares (agregação).⁹⁸ No caso específico que está sendo analisado, pode-se considerar: a conclusão do Ensino Médio (rito de despedida) como 1- *separação*. O período das férias como 2- *margem*, sendo bastante desenvolvido para que eles possam se acostumar com a ideia de estarem mudando de estágio, aprender a lidar com suas ansiedades, adquirir confiança, organizar seus esquemas mentais e desenvolver autonomia necessária para essa nova fase. O acolhimento que acontecerá em outros espaços sociais seria 3- *agregação*. Todas essas três fases são recheadas de sentidos e importantes para os estudantes.

3.3.1 Conceito de ritual

Para compreender como funciona esse ritual no CERJA, é importante conhecer seu conceito. É muito difícil elaborar uma definição de ritual pelas múltiplas variáveis que a ele estão relacionadas. Por esse motivo, muitos autores preferem nem tentar elaborar um conceito, mesmo que parcial. Entretanto, numa tentativa de

⁹⁷ RODOLPHO, Adriane Luisa. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 44, n. 2, p. 138-146, 2004, p. 140.

⁹⁸ VAN GENNEP, 1978, p. 31.

nortear os leitores nesse trabalho, será adotada uma definição que não tem a mínima intenção de ser definitiva nem, tampouco, fossilizada.

Entende-se por ritual um conjunto dinâmico de comunicações simbólicas, presentes no universo cultural da sociedade humana, que é constituído de sequências e repetições de gestos, atos, palavras e/ou sons, organizados, aceitos e considerados importantes pelos membros de uma comunidade que os utilizam em eventos especiais. Através dos rituais se transmitem valores e fortalece a identidade e a coesão de um grupo. Assim, pode ser uma pequena brecha de acesso e compreensão de uma determinada cultura.

Outros objetivos dos ritos, também relevantes e, por isso, é necessário serem salientados, são o efeito de aproximar as pessoas, fortalecer os laços afetivos e criar momentos de intimidade, ampliando assim os contatos e a sensação de interdependência no grupo.

Os ritos também podem sofrer mutação ao longo do tempo para atender às novas exigências da sociedade. Sobre essa mutabilidade dos ritos, Vilhena destaca:

Conforme as circunstâncias e as necessidades sociais, novos ritos podem ser criados, re-criados ou re-significados, e outros ainda podem desaparecer quando não tiverem mais sentido para uma comunidade ou para sociedade em geral. O rito situa-se, portanto, na articulação entre tradição, memória, conservação e transformação.⁹⁹

Vilhena considera o rito uma das mais fascinantes vias de acesso para a compreensão dos seres humanos, podendo revelar semelhanças entre grupos, aparentemente distintos, capazes de perpassar temporalidade, localizações e formações culturais.¹⁰⁰ Segundo essa autora, quando e onde quer que nos deparemos com um grupo humano organizado em sociedade, ali encontramos práticas rituais.

Ritos de passagem também são momentos especiais, carregados de significados e relacionados à transição de um ou mais indivíduos para um outro estágio da vida. É caracterizado por momentos de separação, transição e agregação a uma nova condição, *status* ou papel no grupo que, por sua vez, envolve estados mentais, afetividades, sentimentos, perdas, dores e reconstrução da escala de

⁹⁹ VILHENA, M. A. *Ritos: expressões e propriedades*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 22.

¹⁰⁰ VILHENA, 2005, p. 13.

valores. Um bom exemplo de rito de passagem contemporâneo é a “formatura”, em qualquer nível que seja.

No senso comum, ritos estão muito associados a manifestações primitivas, tribais, selvagens ou a religiosidade e até mesmo ao misticismo, crença em poderes sobrenaturais, embora seja consenso na comunidade científica que os ritos sempre fizeram parte da vida em sociedade, inclusive as que se julgam superiores e mais modernas. Portanto, essa associação com religião também não é uma regra.

Embora seja um tema pouco pesquisado por educadores, os rituais são muito comuns no universo educacional. Assim, optou-se em incluir nesse trabalho, já que acontece o ritual de despedida na escola analisada.

Abaixo segue a descrição do ritual de despedida da turma do 3º ano de 2009, objeto de estudo dessa dissertação.

3.3.2 Ritual de despedida dos estudantes do 3º ano de 2009 do CERJA

Lecionando nesse município e desenvolvendo pesquisas em escolas há quase uma década, tive o privilégio de trabalhar como professor regente em três das quatro escolas do Ensino Fundamental e nos dois únicos Colégios de Ensino Médio do município de Laje.

Observando e participando, como convidado, da despedida do 9º ano (uma espécie de “formatura”) nas escolas mencionadas, foi possível avaliar empiricamente, durante alguns anos consecutivos, como se dava esse processo de transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio.¹⁰¹

Os preparativos eram discutidos com antecedência para realmente ser um momento importante na vida dos concluintes. Também foi observado que no Ensino Médio acontecia uma “cerimônia” muito interessante e que marcava a inserção desses estudantes no 1º ano.¹⁰²

¹⁰¹ SANDES, André B. *Ritual de transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio na Escola Eufrosina Almeida – Laje – Bahia*. Artigo apresentado no Seminário de Ruralidades da UFRB. Amargosa: UFRB, 2009. p. 6.

¹⁰² SANDES, André B. *Ritual de agregação no Colégio Estadual Ruy Jose de Almeida – Laje – Bahia*. Artigo apresentado no Congresso de pesquisadores do Recôncavo da Bahia na UFRB. Amargosa: UFRB, 2009. p. 9.

No caso do ritual de despedida da turma do 3º ano no CERJA, mais precisamente no ano de 2009, nem todos os estudantes que concluíram compareceram à cerimônia, que aconteceu como segue.

No dia combinado, como de costume, o ritual teve início no espaço da Biblioteca Municipal de Laje, que foi antecipadamente ornamentada com flores, objetos, painéis e outros símbolos relacionados com o evento que, associados a músicas e apresentações de slides, criavam um clima todo especial.

Após receberem estudantes e convidados, os gestores assumiam, dando início à cerimônia, parabenizando os estudantes, agradecendo a participação da comunidade e falando sobre a necessidade de dar continuidade aos estudos em uma universidade. Os professores recordaram alguns momentos marcantes em sala de aula e desejaram aos estudantes boa sorte nessa nova etapa de suas vidas. O convidado que representava o Poder Público Municipal também se pronunciou, em nome do Prefeito, ressaltando o compromisso dos Gestores municipais para com os lajistas que, segundo o julgamento dele, era o de proporcionar uma educação de qualidade.

Após os discursos, um conjunto musical dava continuidade ao evento, enquanto que os concluintes e demais presentes degustavam os alimentos e as bebidas oferecidas e conversavam sobre assuntos variados.

Segundo Thales de Azevedo, para promover a solidariedade grupal e festejar o ingresso de alguém em outra posição, geralmente são preparados banquetes, jantares, coquetéis (ritos de comunhão) que proporcionam o comer em comum, beber socialmente, fazer brindes para homenagear e desejar felicidades aos participantes.¹⁰³ Tudo isso associado à dança cria um clima descontraído e alegre para os concluintes e convidados, facilmente registrados e percebidos nas fotografias.

Neste caso, também havia banquetes, brindes e danças e o clima de descontração fazia com que os estudantes se sentissem felizes e queridos. Era possível ver claramente, estampado no rosto dos concluintes, um sorriso que demonstrava essa felicidade e satisfação. Em contrapartida, revelava também

¹⁰³ AZEVEDO, Thales de. *O cotidiano e seus ritos: praia, namoro e ciclo da vida*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2004. p. 278.

ansiedade e insegurança por estarem se desligando da velha rotina, das pessoas com as quais conviviam.

Quando questionados, demonstraram gostar da cerimônia de despedida (separação), por se sentirem importantes para os familiares, professores e demais funcionários da escola e mais confiantes no futuro que os esperava. Também demonstraram ter consciência que seguiriam caminhos, muitas vezes, opostos e jamais se veriam com a mesma frequência, distanciando-se de amigos que ficariam registrados por muitos anos em suas memórias.

Nesse tipo de cerimônia, o indivíduo passa de uma situação determinada à outra indeterminada e essa passagem somente é possível porque esse indivíduo já passou por várias etapas e atravessou diversas fronteiras. Não é possível passar do 9º ano do Ensino Fundamental para o 3º ano do Ensino Médio, por exemplo. Existem longas etapas a serem cumpridas e metas a serem alcançadas.

Quanto aos professores, muitos reconheciam esse momento como ritual de despedida e, apesar do trabalho com os preparativos, avaliaram como algo importante para os estudantes e seus familiares.

Finalmente, pode-se concluir que a cerimônia de despedida (separação) dos concluintes do Ensino Médio no CERJA é considerada importante também pelos educadores, que se organizavam para proporcionar uma despedida menos chocante e traumática e para os estudantes.

Iniciativas dessa natureza demonstram uma preocupação constante com o bem estar dos estudantes nessa escola e um compromisso da equipe de gestores, educadores e funcionários, em oferecer uma educação de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escola não é apenas o espaço construído, mas é o espaço do cidadão, dos muitos cidadãos que trazem consigo um pouco de outros espaços, de outras pessoas, de outras realidades, enfim, escola é um lugar dinâmico enraizado no ambiente construído, que influencia e é influenciado por ele.

A pesquisa realizada, por ter caráter subjetivo, está entrelaçada com aspectos históricos, políticos, sociais, econômicos, culturais e com o intervalo de tempo em que foi realizada.

Assim, os estudantes do terceiro ano, que estudaram no CERJA em 2009 e responderam ao questionário, demonstraram satisfação em expressar suas opiniões e, através dessa pesquisa geográfica foi possível conhecer o perfil socioeconômico e cultural dos educandos, bem como a percepção que tinham do espaço que ocupavam.

Os resultados apresentados nos questionários demonstraram o que segue.

Em relação ao prédio

O CERJA está localizado em um bairro carente da cidade de Laje e o percurso é difícil devido à ladeira íngreme que dá acesso a escola.

A rua da escola não é pavimentada, dessa forma a poeira no verão e a lama no inverno provocam certo desconforto aos estudantes. Isso demonstra a ausência de planejamento urbano quando foi construído o prédio e a falta de iniciativa do Poder Público Municipal em proporcionar melhorias nas condições estruturais do bairro, de modo que melhore a vida da comunidade e facilite o acesso à escola.

Em contrapartida, o espaço interno é amplo, o telhado é bom e as salas são arejadas, ventiladas e bem iluminadas, além de possuir uma quadra poliesportiva adequada para a prática de atividades físicas.

A escola possui serviços de fotocópias, laboratório de informática e biblioteca, ainda que com uma quantidade limitada de livros.

A escola oferece livros de Português, Matemática, Geografia, História, Química, Física e Biologia para que os estudantes possam se preparar antecipadamente para as aulas e conseqüentemente interagir.

Apesar do pouco tempo de uso, o CERJA dispõe de alguns equipamentos didáticos e audiovisuais importantes para dinamizar o espaço escolar.

Os quadros são brancos, dispensando dessa forma, o uso do giz, cuja inalação do seu subproduto (pó de giz) poderia provocar problemas alérgicos.

Também estão sendo plantadas algumas árvores e construído jardins para harmonizar o ambiente.

Em relação ao comportamento coletivo

A condição do banheiro e limpeza da escola é boa, segundo o julgamento dos questionados, o que não significa que não pode ser melhorado.

O índice de violência é baixo, os estudantes, majoritariamente, têm um bom comportamento e se sentem seguros no CERJA.

Em relação às atividades docentes

A escola tem um perfil democrático e há uma boa relação entre gestores, estudantes, educadores e funcionários.

A equipe de educadores é qualificada e as reuniões periódicas contribuem na construção de estratégias para melhorar progressivamente a qualidade da educação oferecida na escola.

Quanto às questões sociais, econômicas e culturais

Grande parte dos estudantes matriculados reside na zona rural do município e utilizam o transporte escolar para se deslocar de casa para escola.

A maioria tem uma boa relação com familiares, vizinhos e membros da comunidade.

Foi possível observar que a maioria dos estudantes tem baixo poder aquisitivo e muitos trabalham para ajudar na renda mensal da família.

Em geral, os pais não estudaram ou fizeram apenas as séries iniciais.

Todos os estudantes consideram estudar importante, embora poucos tenham livros disponíveis em casa, não ganhem livros de presente e nem tenham o hábito de ler. Também são poucos os que possuem antena parabólica e têm acesso a computadores e internet.

Quase 100% do total de estudantes que responderam ao questionário afirmaram que gostavam de estudar nessa escola. Esse indicador de topofilia, ou seja, “um elo afetivo entre a pessoa e o lugar que vive”,¹⁰⁴ reforça a ideia do grande educador brasileiro Paulo Freire, quando afirma em um dos seus escritos que a escola é o lugar onde se faz amigos, que não se trata apenas de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos...¹⁰⁵ E finaliza acrescentando que escola é, sobretudo, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima, ou seja, é onde se constrói amizades e se estabelece relações afetivas entre os ocupantes.

O que os fazia gostar de estudar nesse ambiente era justamente o fato da “experiência”, o espaço transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor, segundo o geógrafo Chinês Yi-Fu Tuan.¹⁰⁶

Como se pode perceber, investigar *in loco* estudantes e promover sua participação por meio da pesquisa geográfica é um grande exercício de democracia e, certamente, um passo importante para melhorar a qualidade da educação oferecida.

A pesquisa geográfica em escolas tem com objetivo conhecer com mais profundidade os estudantes de modo que seus resultados sirvam como bússola que oriente um projeto pedagógico condizente com a realidade dos estudantes.

Portanto, através dos resultados obtidos, recomenda-se que reforce, amplie ou realize as seguintes sugestões:

- Desenvolver atividade para integrar estudantes de classes diferentes, de modo que melhore ainda mais a relação entre eles;

¹⁰⁴ TUAN, 1980. p. 11.

¹⁰⁵ FREIRE, 1997.

¹⁰⁶ TUAN, 1980, p. 7.

- Promover encontros e reuniões no CERJA aproximando família, comunidade e escola, três pilares importantes para o planejamento das atividades desenvolvidas;
- Estimular os pais a voltar a estudar, sensibilizando-os quanto à importância da educação;
- Organizar o grêmio estudantil e estreitar os laços com o conselho de pais, conselho escolar, educadores e gestores para pensar coletivamente e democraticamente alternativas que potencializem o trabalho na escola;
- Desenvolver projetos que trabalhem temas como: importância da conservação e manutenção do patrimônio público; importância dos estudos para o futuro; segurança no trabalho; riscos no consumo de drogas e álcool; impactos da violência; sexualidade; riscos de doenças sexualmente transmissíveis; planejamento familiar, dentre outros;
- Trabalhar a autoestima e incentivar a leitura de modo que os façam acreditar na possibilidade de uma ascensão individual e coletiva através da educação;
- Resgatar a dimensão espiritual, os valores que dão sustentação à vida, orientam ações e nos fazem acreditar na possibilidade de construção de um mundo melhor para todos;
- Promover atividade que os façam refletir sobre os impactos dos meios de comunicação de massa na sociedade e criar estratégias que possibilitem ao acesso do corpo discente a programações de TV, filme, músicas e atividades artísticas mais inteligentes e menos agressivas, para que assim selecionem melhor o que consomem;
- Fazer reuniões periódicas entre os funcionários, secretários, e encarregados da segurança e limpeza para discutir assuntos relacionados à importância de um bom atendimento aos estudantes, família, comunidade e visitantes, mantendo e propagando hábitos saudáveis de convivência entre as pessoas que frequentam essa escola. Essa iniciativa fortalece o compromisso da equipe do CERJA;
- Trabalhar de forma interdisciplinar questões relacionadas à alimentação e solicitar aos responsáveis pela cantina que comercializem lanches mais saudáveis;
- Estimular, orientar e alimentar o sonho daqueles que querem ingressar em uma Faculdade;
- Manter o ritual de agregação com os estudantes egressos, o ritual de despedida com os estudantes que estão concluindo o Ensino Médio na escola e criar estratégias para envolver o máximo de estudantes nessas cerimônias de modo que se sintam seguros, acolhidos e queridos na escola.

Também se faz necessário um olhar mais cuidadoso do Poder Público, em todas as esferas, no sentido de levar a educação mais a sério, melhorando as condições de trabalho e salariais daqueles envolvidos nesse nobre processo de educar. A nível Municipal, deve-se melhorar as condições de acesso à escola através da pavimentação da rua do CERJA e, a nível Estadual, no sentido de disponibilizar funcionários e recursos para o desenvolvimento das atividades escolares. Também se faz necessário um esforço coletivo, sobretudo dos gestores municipais, no sentido de buscar alternativas para melhorar as condições

socioeconômicas dos munícipes, principalmente as comunidades rurais e periféricas de Laje.

Dessa forma, é nosso anseio de que os resultados dessa pesquisa geográfica possam contribuir para traçar planos de ação para melhorar os indicadores de desenvolvimento humano dos lajistas, oferecendo serviços, orientações e oportunidades a curto, médio e longo prazo. Afinal, mudar a realidade lamentável da educação no país, que repercute diretamente nas condições socioeconômicas do povo, é requisito fundamental para tirar o Brasil do subdesenvolvimento.

Apenas percebendo os estudantes como verdadeiros cidadãos, cientistas em potencial, e não apenas como futuros operários/eleitores, será possível se pensar em educação de qualidade, sonhar com um futuro mais promissor e acreditar na formação de uma geração mais consciente e capaz de agir como protagonista de sua própria história.

A mudança começou, está acontecendo em pequenos núcleos, em muitos lugares e isso permite visualizar a médio e longo prazo um salto qualitativo que será iniciado da base e desencadeará, como prediz a teoria do caos, outras iniciativas que se multiplicarão para dar corpo a uma educação mais comprometida com o social do que com interesses particulares.

A pesquisa geográfica tem o poder de contribuir nesse processo de tomada de consciência coletiva, aproximando a educação da realidade, os educadores dos educandos, a teoria da prática e a ciência da vida, convidando todos os servidores da educação, que compartilham dos mesmos ideais, a sonharem juntos e trabalharem para transformar esse sonho em realidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *Aprendiz de mim: um bairro que virou escola*. Campinas: Papirus, 2004.
- _____. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. *Filosofia da Ciência*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo a sociedade aprendente*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- AZEVEDO, Thales de. *O cotidiano e seus ritos: praia, namoro e ciclo da vida*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2004.
- BOFF, Leonardo. *Depois de 500 anos: que Brasil queremos?* Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CORDEIRO, Rita de Cássia A.; MORAES, Luiz Roberto. S.; BORJA Patrícia C.; SANTANA, Marcos J. A. Qualidade ambiental urbana de Salvador – Bahia: uma avaliação por meio de pesquisa de opinião. In: XI SILUBESA. *Simpósio Luso-Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*. 2004.
- DAMATTA, Roberto. Apresentação. In: VAN GENNEP, A. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 1999.
- DEMO, Pedro. *Avaliação qualitativa: polêmicas do nosso tempo*. Campinas: Autores Associados, 1999.
- _____. *Educação e qualidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- _____. *Educação pelo avesso: assistência como direito e como problema*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. São Paulo: Cortez, 2001.

ESTEBAN, Maria T. Educação popular: desafio à democratização da escola pública. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 27, n. 71, jan./abr. 2007.

FANI, Ana. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

_____. Escola. *Revista da FAEEDBA*, ano 6, n. 7, p. 9-32, jan./jun. 1997. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/obras/artigos/6.html>>. Vários acessos.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica*. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

_____. *Escola cidadã*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. *Ecopedagogia e cidadania planetária*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1999.

LARAIA, Roque B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LEMME, Paschoal. *Educação democrática e progressista*. São Paulo: Pluma, 1961.

LÜCK Heloísa. *Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. A dimensão participativa da gestão escolar. *Gestão em rede*, Brasília, n. 9, ago. 1998.

MEDVEDOVSKI, Nirce Saffer. Revisão dos termos e dos conceitos existentes na área de APO. In: ANAIS Workshop Avaliação Pós-Ocupação. São Paulo: ANTAC/NUTAU, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MIRANDA, Rita de Cássia Jannotti. Orientação educacional: qual o lugar da família? *Revista de Educação AEC*, Brasília, v. 23, n. 93, out./dez. 1994.

MORENO, Ciriaco Izquierdo. *Educar em valores*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PONICK, Edson. *Experiências formativas: contribuições da Semana de Criatividade para a formação de educadores*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2007.

PUHL, Antônio. A família constrói o sucesso. *Revista de Educação AEC*, Brasília, v. 23, n. 93, out./dez. 1994.

REIGOTA, Marcos (Org.). *Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

REIS, Tarcísio A.; LAY, M. C. Dias. Métodos e técnicas para levantamento de campo e análise de dados: questões gerais. In: ANAIS Workshop Avaliação Pós-Ocupação. São Paulo: ANTAC/NUTAU, 1994.

RODOLPHO, Adriane Luisa. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 44, n. 2, p. 138-146, 2004.

RUEDELL, Pedro. *Educação religiosa: fundamentos antropológico-culturais da religião segundo Paul Tillich*. São Paulo: Paulinas, 2007.

SANDES, André B. *Qualidade ambiental na escola Eufrosina Almeida – Laje - Bahia: uma avaliação por mais de pesquisa de opinião*. Salvador: MEAU/UFBA, 2006.

_____. *Ritual de agregação no Colégio Estadual Ruy Jose de Almeida – Laje – Bahia*. Artigo apresentado no Congresso de pesquisadores do Recôncavo da Bahia na UFRB. Amargosa: UFRB, 2009.

_____. Ritual de despedida do Colégio Ruy Jose de Almeida – Laje/Bahia. *Anais do Simpósio do Mestrado Profissional em Teologia*. São Leopoldo: EST, v. 2, 2010.

_____. *Ritual de transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio na Escola Eufrosina Almeida – Laje – Bahia*. Artigo apresentado no Seminário de Ruralidades da UFRB. Amargosa: UFRB, 2009.

_____. *Semeando com sabedoria: o futuro depende de nós*. Camaçari: Do Autor, 2009.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *O espaço do cidadão*. 5. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2000.¹

_____. *Por uma outra globalização: do pensamento crítico a consciência universal*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

_____. *Topofilia: um estudo de percepção, atividades e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

VILHENA, M. A. *Ritos: expressões e propriedades*. São Paulo: Paulinas, 2005.

APÊNDICE A: Questionário sobre qualidade ambiental e dimensão pedagógica

Qualidade Ambiental e avaliação da dimensão pedagógica no CERJA - Laje – BA

1 – Qual o turno em que você estuda?

Matutino () Vespertino () Noturno ()

2 – Sua idade:

16 ou 17 () 18 ou 19 () 20 a 25 () 26 ou mais ()

3 - Qual disciplina você gosta mais?

Português () Matemática () História () Geografia () Biologia () Química ()

Física () Sociologia () Filosofia () Religião () Tec. Agrícolas () Inglês ()
Nenhuma ()

Por quê? R. _____

4 – Os professores demonstram dominar os conteúdos das disciplinas que lecionam?

Todos os professores () Nenhum professor () A maioria dos professores ()
A minoria dos professores ()

5 - Como é sua relação com os professores dessa escola:

Boa () Regular () Ruim ()

6 - Os professores trazem recursos interessantes para sala de aula?

Sempre () Quase nunca () Às vezes ()

7 - Você considera as aulas:

Interessantes () Pouco interessantes () Muito Interessantes ()

8 – Você participa das aulas?

Sempre () Quase nunca () Às vezes ()

9 – Os professores costumam ser exigentes?

Sempre () Quase nunca () Às vezes ()

10 – Geralmente as avaliações são?

Fáceis () Difíceis () Regulares ()

11 – Você se sente preparado para estar nesta série hoje?

Sim () Não () Regular ()

12 – Você pretende fazer o Vestibular quando concluir o 3º ano?

Sim () Não () Talvez ()

13 - Como é sua relação com os diretores dessa escola:

Boa () Regular () Ruim ()

14 – Você se sente à vontade para participar e sugerir nessa escola:

Sim () Não () Às vezes ()

15 - Como é sua relação com seus colegas de sala:

Boa () Regular () Ruim ()

16 - Como é sua relação com os estudantes de outras salas:

Boa () Regular () Ruim ()

17 – O espaço interno da Escola é:

Bom () Regular () Ruim ()

18 – O nível de barulho na escola:

Baixo, porque não incomoda () Médio, porque incomoda pouco () Alto, porque incomoda muito ()

19 – Em relação à limpeza, sua escola é:

Boa () Regular () Ruim ()

Por quê? R. _____

20 – Em relação às condições dos banheiros, você considera:

Boas () Regulares () Ruins ()

Por quê? R. _____

21 – Nessa Escola, como você se sente em relação à segurança?

Muito seguro () Seguro () Pouco seguro () Não se sente seguro ()

22 – Você gosta de estudar nessa escola:

Sim () Não ()

Por quê? R. _____

23 – Use o espaço abaixo para comentar alguma questão e/ou expressar suas idéias em relação a outros aspectos que você considera relevante e que não foram perguntados nesse questionário.

Obrigado, sua participação foi muito importante!

APÊNDICE B: Questionário socioeconômico e cultural

Questionário socioeconômico e cultural - CERJA - Laje – BA

1 – A casa em que você mora é:

Alugada () Emprestada () Própria ()

2 – Tempo que mora nessa casa?

Menos de 1 ano () 1 a 3 anos () 4 a 9 anos () mais de 10 anos ()

3 – Já morou em outra casa?

Sim () Não ()

4 – Se já morou, como era a casa em relação a que você mora agora:

Melhor () Parecida () Pior ()

5 – Quantas pessoas vivem em sua casa?

Menos de 4 pessoas () De 5 a 8 pessoas () Mais de 8 pessoas

6 – Sua casa tem quartos suficientes para os moradores?

Sim () Não ()

7– O banheiro de sua casa é:

Bom () Regular () Ruim () Não tem ()

8 – Seu colchão é:

Bom () Regular () Ruim () Não tenho ()

9 – Sua casa é espaçosa?

Sim () Não ()

10 –Você mora com:

Pai () Mãe () Pai e Mãe () Nenhum dos dois ()

11 – Seu pai ou sua mãe consome bebidas alcoólicas:

Não () Sim, às vezes exagera () Sempre exagera () Sim, moderadamente ()

12 – Como é sua relação com seus familiares?

Boa () Regular () Ruim ()

13 – Em sua casa tem muitas brigas?

Sim () Não () Às vezes () Prefiro não falar ()

14 – Você considera violento:

Seu pai () Sua mãe () Nenhum é violento () Os dois são violentos ()

15 – Você conhece alguém que usa drogas?

Não () Sim, muita gente () Sim, pouca gente ()

16 – Em sua casa você se sente em relação á segurança:

Muito seguro () Seguro () Pouco seguro () Não se sente seguro ()
Por _____ quê?

17 – Sua casa tem um lugar legal para estudar e fazer as tarefas da escola?

Sim () Não ()

18 – Você considera sua casa:

Boa () Regular () Ruim ()

19 – Você convida amigos para estudar e fazer trabalhos da escola em sua casa?

Sempre () Quase nunca () Às vezes ()

20 – Quando chega visita você se sente:

Bem () Regular () Mal ()

Por quê? _____

21 – Em relação à escola, sua casa é:

Muito distante () Distante () Perto () Muito perto ()

22 – Como você vai para escola?

Andando () Transporte escolar () Carro ou moto () Outros ()

23 – Marque os elementos que tem em sua casa:

() Água encanada () Antena parabólica () Telefone () Internet
() luz elétrica () Vídeo ou DVD () Geladeira
() Dicionário de Português () Televisão () Aparelho de som CD
() Computador () Dicionário de Inglês
() Materiais que precisa para estudar (lápiz, borracha, caneta, papeis, caderno, régua...)
() Farda completa (camisas de farda da escola, calças, sapatos e meias)

24 – Marque quantos livros “mais ou menos” tem em sua casa (que não sejam da escola):

Não tem livros em minha casa () Menos de 9 () De 10 à 19 ()

De 20 à 50 () Mais que 50 ()

25 – Quantos livros você lê por ano (que não sejam das matérias da escola)?

Nenhum () 1 a 4 () 5 a 8 () mais de 9 ()

26 – Você considera sua vizinhança:

Boa () Regular () Ruim ()

27 – Você considera sua comunidade:

Boa () Regular () Ruim ()

28 – Você trabalha para ajudar sua família?

Sempre () Quase nunca () Às vezes ()

Com o que? _____

29 – Seu café da manhã é:

() Bom, tem muitas coisas diferentes para comer
() Regular, porque como bem mas não tem muita variedade
() Ruim, porque não é suficiente ou não tem variedade

30 – Seu almoço é:

- () Bom, tem muitas coisas diferentes para comer
- () Regular, porque como bem mas não tem muita variedade
- () Ruim, porque não é suficiente ou não tem variedade

31 – Você compra lanche na cantina da Escola?

Sim () Não ()

32 – Você gosta dos lanches vendidos na cantina da Escola?

Sim () Não ()

33 – Você considera a merenda escolar importante?

Sim () Não ()

Por quê? _____

34 – Qual a escolaridade dos seus pais:

Pai: Até a 4ª série () Até a 8ª () Concluiu o 2ª grau()

Fez ou está fazendo Faculdade() Não estudou ()

Mãe: Até a 4ª série () Até a 8ª () Concluiu o 2ª grau()

Fez ou está fazendo Faculdade () Não estudou()

35 – Seus pais perguntam sobre suas notas da escola?

Sempre () Quase nunca () Às vezes ()

36 – Você ganha livros de presente?

Sempre () Quase nunca () Às vezes ()

37 – Você costuma comprar livros ou revistas para ler?

Sempre () Quase nunca () Às vezes ()

38 – Você acha que estudar é importante?

Sim () Não ()

Por quê?

R. _____

Obrigado, sua participação foi muito importante!

APÊNDICE C: Resultados do questionário sobre qualidade ambiental e dimensão pedagógica

Qualidade Ambiental e avaliação da dimensão pedagógica - CERJA - Laje – BA

1 – Qual o turno em que você estuda?

Total de 20 estudantes em cada turno – Das 6 salas de 3° ano, responderam o questionário 10 estudantes em cada turma.

2 – Sua idade?

	3° M	3° V	3° N	Total
16 ou 17	65%	40%	15%	40%
18 ou 19	30%	50%	40%	40%
20 a 25	5%	10%	30%	15%
26 ou mais	0	0	15%	5%

3 - Qual disciplina você gosta mais?

	3° M	3° V	3° N	Total
Português	5%	0	0	1,7%
Matemática	20%	5%	40%	21,7%
História	20%	15%	15%	16,6%
Geografia	0	45%	20%	21,7%
Biologia	45%	20%	5%	23,3%
Química	0	0	0	0
Física	0	0	0	0
Sociologia	0	5%	0	1,7%
Filosofia	5%	0	5%	3,3%
Religião	0	0	5%	1,7%
Tec.Agrícolas	5%	0	5%	3,3%
Inglês	0	10%	0	3,3%
Nenhuma	0	0	5%	1,7%

4 – Os professores demonstram dominar os conteúdos das disciplinas que lecionam?

	3° M	3° V	3° N	Total
Todos	45%	45%	70%	53,3%
Nenhum	0	0	5%	1,7%
A maioria	45%	50%	25%	40%
A minoria	10%	5%	0	5%

5 - Como é sua relação com os professores dessa escola?

	3° M	3° V	3° N	Total
Boa	85%	85%	85%	85%
Regular	15%	15%	15%	15%
Ruim	0	0	0	0

6 - Os professores trazem recursos interessantes para sala de aula?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sempre	45%	50%	65%	53,3%
Quase nunca	5%	0	0	1,7%
Às vezes	50%	50%	35%	45%

7 - Você considera as aulas:

	3° M	3° V	3° N	Total
Interessantes	60%	70%	65%	65%
Pouco interessantes	5%	5%	5%	5%
Muito Interessantes	35%	25%	30%	30%

8 – Você participa das aulas?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sempre	60%	65%	65%	63,4%
Quase nunca	5%	5%	0	3,3%
Às vezes	35%	30%	35%	33,3%

9 – Os professores costumam ser exigentes?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sempre	60%	75%	70%	68,3%
Quase nunca	0	0	0	0
Às vezes	40%	25%	30%	31,7%

10 – Geralmente as avaliações são?

	3° M	3° V	3° N	Total
Fáceis	5%	5%	5%	5%
Díficeis	25%	20%	25%	23,3%
Regulares	70%	75%	70%	71,7

11 – Você se sente preparado para estar nesta série hoje?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sim	80%	95%	95%	90%
Não	0	0	0	0
Regular	20%	5%	5%	10%

12 – Você pretende fazer o Vestibular quando concluir o 3º ano?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sim	85%	75%	45%	68,3%
Não	0	0	0	0
Talvez	15%	25%	55%	31,7%

13 - Como é sua relação com os diretores dessa escola?

	3° M	3° V	3° N	Total
Boa	85%	85%	75%	81,7%
Regular	15%	15%	25%	18,3%
Ruim	0	0	0	0

14 – Você se sente à vontade para participar e sugerir nessa escola?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sim	55%	60%	75%	63,4%
Não	5%	5%	0	3,3%
Às vezes	40%	35%	25%	33,3%

15 - Como é sua relação com seus colegas de sala?

	3° M	3° V	3° N	Total
Boa	70%	85%	95%	83,3%
Regular	30%	15%	5%	16,7%
Ruim	0	0	0	0

16 - Como é sua relação com os estudantes de outras salas?

	3° M	3° V	3° N	Total
Boa	45%	55%	40%	46,7%
Regular	45%	45%	60%	50%
Ruim	10%	0	0	3,3%

17 – O espaço interno da escola é:

	3° M	3° V	3° N	Total
Bom	85%	80%	100%	88,3%
Regular	15%	15%	0	10%
Ruim	0	5%	0	1,7%

18 – O nível de barulho na escola é:

	3° M	3° V	3° N	Total
Baixo, porque não incomoda	10%	30%	50%	30%
Médio, porque incomoda pouco	80%	45%	50%	58,3%
Alto, porque incomoda muito	10%	25%	0	11,7%

19 – Em relação à limpeza, sua escola é:

	3° M	3° V	3° N	Total
Boa	45%	50%	60%	51,7%
Regular	50%	50%	40%	46,7%
Ruim	5%	0	0	1,6%

20 – Em relação às condições dos banheiros, você considera:

	3° M	3° V	3° N	Total
Boas	35%	75%	65%	58,3%
Regulares	50%	25%	35%	36,7%
Ruins	15%	0	0	5%

21 – Nessa escola, como você se sente em relação à segurança?

	3° M	3° V	3° N	Total
Muito seguro	40%	5%	10%	18,3%
Seguro	55%	55%	70%	60%
Pouco seguro	5%	35%	15%	18,3%
Não se sente seguro	0	5%	5%	3,4%

22 – Você gosta de estudar nessa escola?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sim	19%	20%	20%	19,4%
Não	5%	0	0	1,6%

23 – Use o espaço abaixo para comentar alguma questão e/ou expressar suas idéias em relação a outros aspectos que você considera relevante e que não foram perguntados nesse questionário.

O espaço concedido no questionário para que os estudantes pudessem se manifestar livremente a respeito da escola foram apresentados no corpo do trabalho.

APÊNDICE D: Resultados do questionário socioeconômico e cultural

Questionário socioeconômico e cultural - CERJA - Laje – BA

1 – A casa em que você mora é:

	3° M	3° V	3° N	Total
Alugada	5%	5%	5%	5%
Emprestada	0	0	10%	3,3%
Própria	95%	95%	85%	91,7%

2 – Tempo que mora nessa casa?

	3° M	3° V	3° N	Total
Menos de 1 ano	10%	5%	10%	8,3%
1 a 3 anos	15%	10%	15%	13,3%
4 a 9 anos	10%	25%	15%	16,7%
Mais de 10 anos	65%	60%	60%	61,7%

3 – Já morou em outra casa?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sim	50%	70%	85%	68,3%
Não	50%	30%	15%	31,7%

4 – Se já morou, como era a casa em relação a que você mora agora?

	3° M	3° V	3° N	Total
Melhor	40%	20%	40%	33,3%
Parecida	20%	45%	30%	31,7%
Pior	40%	35%	30%	35%

5 – Quantas pessoas vivem em sua casa?

	3° M	3° V	3° N	Total
Menos de 4 pessoas	20%	15%	55%	30%
De 5 a 8 pessoas	80%	85%	45%	70%
Mais de 8 pessoas	0	0	0	0

6 – Sua casa tem quartos suficientes para os moradores?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sim	85%	85%	70%	80%
Não	15%	15%	30%	20%

7- O banheiro de sua casa é:

	3° M	3° V	3° N	Total
Bom	50%	50%	40%	46,7%
Regular	40%	40%	55%	45%
Ruim	5%	0	5%	3,3%
Não tem	5%	10%	0	5%

8 – Seu colchão é:

	3° M	3° V	3° N	Total
Bom	70%	60%	55%	61,7%
Regular	25%	40%	45%	36,7%
Ruim	5%	0	0	1,6%
Não tenho	0	0	0	0%

9 – Sua casa é espaçosa?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sim	80%	65%	65%	70%
Não	20%	35%	35%	30%

10 – Você mora com:

	3° M	3° V	3° N	Total
Pai	0	0	5%	1,7%
Mãe	15%	15%	15%	15%
Pai e Mãe	85%	70%	40%	65%
Nenhum dos dois	0	15%	40%	18,3%

11 – Seu pai ou sua mãe consome bebidas alcoólicas:

	3° M	3° V	3° N	Total
Não	50%	55%	45%	50%
Sim, às vezes exagera	10%	5%	10%	8,3%
Sempre exagera	0	10%	10%	6,7%
Sim, moderadamente	40%	30%	35%	35%

12 – Como é sua relação com seus familiares?

	3° M	3° V	3° N	Total
Boa	80%	95%	75%	83,3%
Regular	20%	5%	25%	16,7%
Ruim	0	0	0	0

13 – Em sua casa tem muitas brigas?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sim	5%	0	5%	3,3%
Não	35%	45%	60%	56,7%
Às vezes	60%	50%	20%	33,3%
Prefiro não falar	0	5%	15%	6,7%

14 – Você considera violento:

	3° M	3° V	3° N	Total
Seu pai	20%	5%	10%	11,7%
Sua mãe	0	5%	0	1,7%
Nenhum é violento	75%	90%	85%	83,3%
Os dois são violentos	5%	0	5%	3,3%

15 – Você conhece alguém que usa drogas?

	3° M	3° V	3° N	Total
Não	25%	20%	15%	20%
Sim, muita gente	35%	35%	40%	36,7%
Sim, pouca gente	40%	45%	45%	43,3%

16 – Em sua casa você se sente em relação á segurança:

	3° M	3° V	3° N	Total
Muito seguro	20%	10%	30%	20%
Seguro	45%	60%	40%	48,3%
Pouco seguro	25%	30%	20%	25%
Não se sente seguro	10%	0	10%	6,7%

17 – Sua casa tem um lugar legal para estudar e fazer as tarefas da escola?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sim	85%	80%	75%	80%
Não	15%	20%	25%	20%

18 – Você considera sua casa:

	3° M	3° V	3° N	Total
Boa	60%	60%	55%	58,3%
Regular	40%	40%	45%	41,7%
Ruim	0	0	0	0

19 – Você convida amigos para estudar e fazer trabalhos da escola em sua casa?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sempre	15%	5%	5%	8,3%
Quase nunca	15%	25%	45%	28,3%
Às vezes	70%	70%	50%	63,4%

20–Quando chega visita você se sente:

	3° M	3° V	3° N	Total
Bem	75%	75%	70%	73,3%
Regular	25%	25%	30%	26,7%
Mal	0	0	0	0

21 – Em relação à escola, sua casa é:

	3° M	3° V	3° N	Total
Muito distante	40%	35%	50%	41,7%
Distante	35%	50%	35%	40%
Perto	15%	15%	15%	15%
Muito perto	10%	0	0	3,3

22 – Como você vai para escola?

	3° M	3° V	3° N	Total
Andando	25%	5%	10%	13,3%
Transporte escolar	75%	95%	85%	85%
Carro ou moto	0	0	5%	1,7%
Outros	0	0	0	0%

23 – Marque os elementos que tem em sua casa:

	3° M	3° V	3° N	Total
Água encanada	90%	95%	95%	93,3%
Luz elétrica	95%	100%	100%	98,3%
TV	95%	100%	90%	95%
Antena parabólica	40%	65%	50%	51,7%
DVD	70%	95%	90%	85%
Aparelho de CD	85%	80%	75%	80%
Telefone	50%	50%	55%	51,7%
Geladeira	95%	95%	85%	91,7%
Computador	15%	15%	10%	13,3%
Internet	15%	5%	5%	8,3%
Dicionário de Português	95%	95%	90%	93,3%
Dicionário de Inglês	55%	75%	60%	63,3%
Material escolar	95%	95%	95%	95%
Farda completa	90%	90%	80%	86,7%

24 – Marque quantos livros “mais ou menos” tem em sua casa (que não sejam da escola):

	3° M	3° V	3° N	Total
Não tem livros em minha casa	5%	0	5%	3,3%
Até 9 livros	50%	55%	75%	60%
De 10 à 19	30%	20%	10%	20%
De 20 à 50	5%	20%	10%	11,7%
Mais que 50	10%	5%	0	5%

25 – Quantos livros você lê por ano (que não sejam das matérias da escola)?

	3° M	3° V	3° N	Total
Nenhum	20%	10%	25%	18,3%
1 a 4	55%	80%	55%	63,3%
5 a 8	20%	10%	5%	11,7%
Mais de 9	5%	0	15%	6,7%

26 – Você considera sua vizinhança:

	3° M	3° V	3° N	Total
Boa	65%	45%	65%	58,3%
Regular	25%	55%	30%	36,7%
Ruim	10%	0	5%	5%

27 – Você considera sua comunidade:

	3° M	3° V	3° N	Total
Boa	40%	40%	60%	46,7%
Regular	60%	60%	35%	51,7%
Ruim	0	0	5%	1,6%

28 – Você trabalha para ajudar sua família?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sempre	45%	45%	75%	55%
Quase nunca	15%	15%	10%	13,3%
Às vezes	40%	40%	15%	31,7%

29 – Seu café da manhã é:

	3° M	3° V	3° N	Total
Bom, tem muitas coisas diferentes para comer	35%	20%	20%	25%
Regular, porque como bem mas não tem muita variedade	65%	80%	75%	73,3%
Ruim, porque não é suficiente ou não tem variedade	0	0	5%	1,7%

30 – Seu almoço é:

	3° M	3° V	3° N	Total
Bom, tem muitas coisas diferentes para comer	55%	35%	40%	43,3%
Regular, porque como bem mas não tem muita variedade	45%	65%	60%	56,7%
Ruim, porque não é suficiente ou não tem variedade	0	0	0	0

31 – Você compra lanche na cantina da escola?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sim	95%	70%	75%	80%
Não	5%	30%	25%	20%

32 – Você gosta dos lanches vendidos na cantina da escola?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sim	45%	65%	65%	58,3%
Não	55%	35%	35%	41,7%

33 – Você considera a merenda escolar importante?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sim	100%	100%	90%	96,7%
Não	0	0	10%	3,3%

34 – Qual o grau de escolaridade dos seus pais?

Pai:

	3° M	3° V	3° N	Total
Até a 4ª série	60%	60%	65%	61,7%
Até a 8ª	10%	10%	0	6,7%
Concluiu o 2ª grau	10%	10%	0	6,7%
Fez ou está fazendo Faculdade	0	5%	0	1,6%
Não estudou	20%	15%	35%	23,3%

Mãe:

	3° M	3° V	3° N	Total
Até a 4ª série	55%	60%	70%	61,7%
Até a 8ª	10%	10%	0	6,7%
Concluiu o 2ª grau	10%	10%	5%	8,2%
Fez ou está fazendo Faculdade	10%	5%	5%	6,7%
Não estudou	15%	15%	20%	16,7%

35 – Seus pais perguntam sobre suas notas da escola?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sempre	55%	55%	35%	48,3%
Quase nunca	5%	20%	40%	21,7%
Às vezes	40%	25%	25%	30%

36 – Você ganha livros de presente?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sempre	10%	0	10%	6,7%
Quase nunca	45%	65%	80%	63,3%
Às vezes	45%	35%	10%	30%

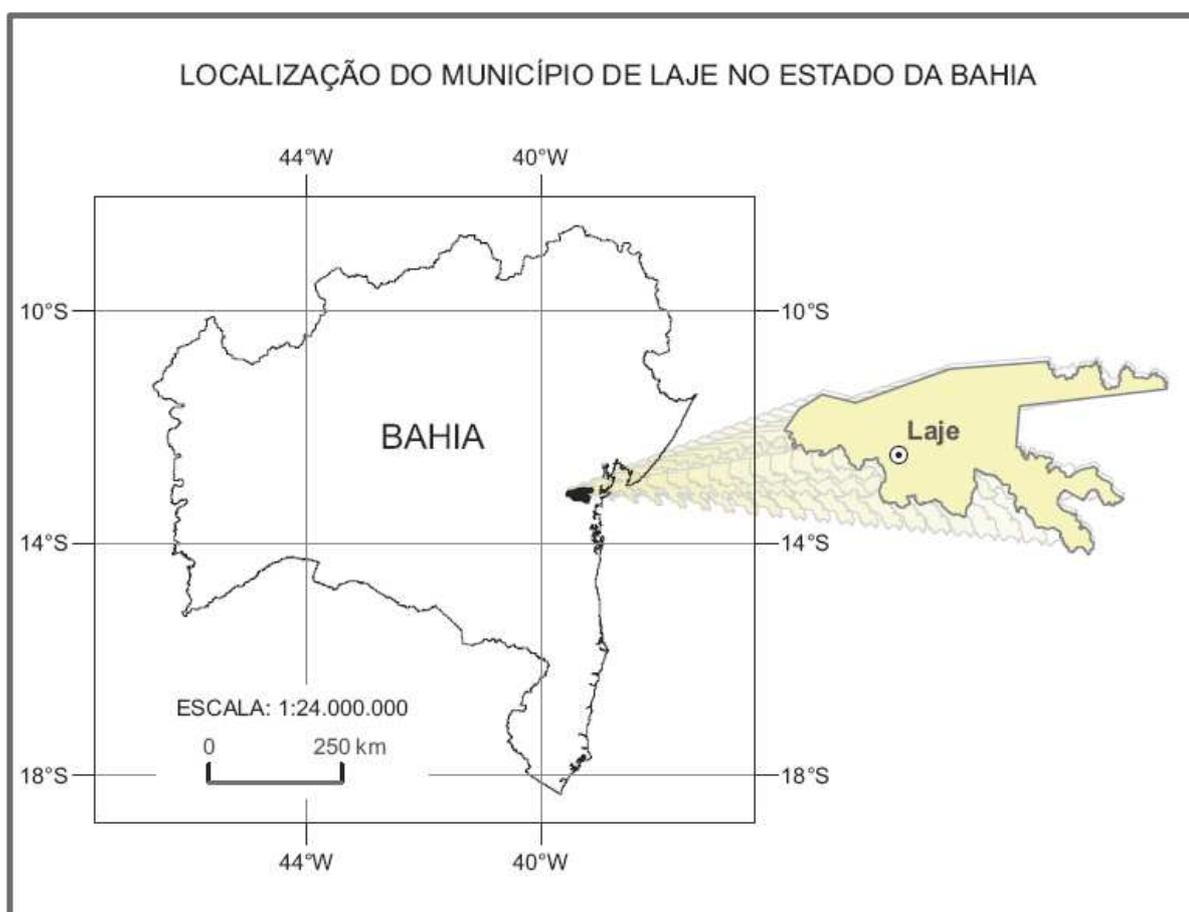
37 – Você costuma comprar livros ou revistas para ler?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sempre	5%	15%	15%	11,6%
Quase nunca	45%	30%	35%	36,7%
Às vezes	50%	55%	50%	51,7%

38 – Você acha que estudar é importante?

	3° M	3° V	3° N	Total
Sim	100%	100%	100%	100%
Não	0	0	0	0

ANEXO A: Mapa do Município de Laje - Vale do Jiquiriçá - Bahia



Fonte: SEI. Adaptado por André B. Sandes e Angélica Marina